



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NATANIELLY NAJARA MENDES ROCHA

**ESTRATÉGIAS DOCENTES USADAS NA ADAPTAÇÃO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

FORTALEZA
2022

NATANIELLY NAJARA MENDES ROCHA

**ESTRATÉGIAS DOCENTES USADAS NA ADAPTAÇÃO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, Campus Benfica, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto

**FORTALEZA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R574e Rocha, Natanielly Najara Mendes.
Estratégias docentes usadas na adaptação da Educação Infantil / Natanielly Najara Mendes Rocha.
- 2022.
63f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de
Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto.

1. Adaptação na Educação Infantil. 2. Criança. 3. Estratégias pedagógicas. I. Título.

CDD 370

NATANIELLY NAJARA MENDES ROCHA

ESTRATÉGIAS DOCENTES USADAS NA ADAPTAÇÃO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, Campus Benfica, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dra. Cristiane Amorim Martins (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dra. Cristina Façanha Soares (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Silvano Teixeira Rocha e Maria Doraci Lima Mendes, que sempre foram o meu alicerce e o meu porto seguro durante o período da faculdade, bem como em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me conceder mais um dia de vida e por me dar forças e sabedoria para ultrapassar cada obstáculo enfrentado durante o período da graduação. Dessa forma, “Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

Ao meu pai e à minha mãe, Silvano e Maria Doraci, que são as pessoas que mais amo nesse mundo e que em meio às dificuldades da vida nunca permitiram que faltasse nada para mim e para a minha irmã. Ambos são (e sempre foram) incentivadores e aliados na conquista desse sonho, sendo assim tudo que sou hoje devo a eles e serei eternamente grata por toda a educação, valores, carinho, amor, proteção, suporte e companheirismo que me proporcionaram em todos os momentos da minha vida.

À minha irmã Nathielly Nayara, que esteve comigo ao longo dessa caminhada me apoiando.

Às minhas guerreiras de luta e amigas, Raquel Vasco, Maria das Dores e Erica Kaylline, que tive o prazer de conhecer na faculdade e que estiveram comigo compartilhando choros, alegrias, pressões e vitórias ao longo desses nove semestres.

Aos meus melhores amigos, Victor Hugo e Tainara Amanda, que fazem parte da minha vida desde o Ensino Fundamental e que acompanharam de perto toda a minha trajetória ao longo do curso, se fazendo presentes e compreensivos em meio à minha ausência em certos momentos devido às demandas da faculdade.

Ao meu amigo Paulo Jonhnatan, que esteve comigo em várias situações difíceis da minha vida durante o curso.

Ao PIBID, que tanto me ensinou e me possibilitou vivenciar experiências riquíssimas, especialmente às professoras Claudiana Melo e Luísa Maria, que tão bem conduziram sabiamente o programa e que suscitaram constantemente discussões preciosas e significantes em nossos encontros, as quais foram de extremo valor para a minha formação.

Aos meus parceiros e amigos do PIBID, Venythyais e John Lennon, que tive o prazer de partilhar momentos de muitas aprendizagens e alegrias ao longo do programa e depois dele.

À minha fisioterapeuta/professora de Pilates/amiga, Rayssa Muniz, que sempre se preocupou com o meu estado físico e emocional, sendo em todos os instantes compreensiva e otimista diante dos desafios surgidos em meu caminho. Seus conselhos e sua escuta foram essenciais para mim.

Aos meus gatos, Miguel, Jeje, Heleno e Pandora, que estiveram ao meu lado em todos os momentos de escrita da respectiva monografia, assim como em todos os trabalhos ao longo do curso.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto, que de maneira sábia, humana e tranquila me conduziu durante o desenvolvimento deste trabalho. Gratidão pela parceria e por cada orientação/apontamento feito.

Aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dra. Cristina Façanha Soares e Prof.^a Dra. Cristiane Amorim Martins, pela disponibilidade em contribuir com o meu trabalho.

A todos (as) professores (as) que fizeram parte da minha vida escolar e que me deram base para que eu chegasse até aqui. Essa conquista também é de vocês, meus professores, por sempre acreditarem no poder da Educação!

Aos meus demais amigos, colegas, familiares e todos (as) que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha formação pessoal e profissional ao decorrer do curso. Muito obrigada!

“Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove”.
(Cora Coralina)

RESUMO

A adaptação na instituição de educação infantil se configura como um momento delicado na vida da criança, demandando bastante atenção e cuidado por parte de todos os envolvidos nesse processo. Buscando refletir sobre a complexidade desse momento, a presente pesquisa busca identificar algumas estratégias pedagógicas usadas pelos docentes na adaptação de crianças da Educação Infantil. Dessa forma, elegemos como objetivos específicos: 1) conceituar a adaptação; 2) discutir a atuação docente no processo de adaptação e 3) verificar algumas estratégias pedagógicas mais utilizadas pelos professores durante esse período. Para isso trouxemos alguns autores que tratam sobre o processo de adaptação na Educação Infantil, sendo estes: Rapoport e Piccinini (2001), Ladwig, Goi e Souza (2013), Silva, Paiva e Rodrigues (2016), Ortiz (2000), dentre outros. A pesquisa tem caráter exploratório e sua análise foi realizada a partir da abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, realizada através da plataforma Google Meet, com uma amostra de quatro professoras de diferentes instituições educacionais, atuantes na Educação Infantil. Os dados analisados mostram como a atuação docente e as estratégias pedagógicas, usadas pelas professoras, são essenciais durante o processo de adaptação da criança, melhorando a condução desse momento e gerando menos sofrimento para a criança que está sendo inserida nesse novo ambiente, que é a creche ou pré-escola. Além disso, verificamos que algumas estratégias mais utilizadas durante esse período eram: a afetividade, o acolhimento, a preparação e organização da sala de referência, as brincadeiras, a musicalização, o tempo reduzido inicialmente que a criança fica na instituição de educação infantil, a presença dos pais e a comunicação constante com as famílias. Conclui-se que a atuação docente e as estratégias pedagógicas selecionadas para esse período devem considerar a singularidade da criança, seus gostos, seu ritmo e sua realidade, a fim de se alcançar um processo exitoso que envolva a todos que estão imersos nesse período de adaptação, principalmente a criança que é o principal sujeito desse processo.

Palavras-chave: Adaptação na Educação Infantil; Criança; Estratégias pedagógicas.

ABSTRACT

The adaptation in the early childhood education institution is configured as a delicate moment in the child's life, demanding a lot of attention and care from everyone involved in this process. Seeking to reflect on the complexity of that moment, this research seeks to identify some pedagogical strategies used by teachers in adapting children from Early Childhood Education. Thus, we chose as specific objectives: 1) to conceptualize the adaptation; 2) discuss the teaching role in the adaptation process and 3) verify some pedagogical strategies most used by teachers during this period. For this, we brought some authors who deal with the adaptation process in Early Childhood Education, namely: Rapoport and Piccinini (2001), Ladwig, Goi and Souza (2013), Silva, Paiva and Rodrigues (2016), Ortiz (2000), among others. The research has an exploratory character and its analysis was carried out from a qualitative approach, using a semi-structured interview as a data collection instrument, carried out through the Google Meet platform, with a sample of four teachers from different educational institutions, working in Early Childhood Education. The analyzed data show how the teaching performance and the pedagogical strategies used by the teachers are essential during the child's adaptation process, improving the management of that moment and generating less suffering for the child who is being inserted in this new environment, which is the kindergarten or preschool. In addition, we found that some of the most used strategies during this period were: affection, welcoming, preparation and organization of the reference room, games, music, the reduced time initially that the child stays in the institution of early childhood education, the presence of parents and constant communication with families. It is concluded that the teaching performance and the pedagogical strategies selected for this period must consider the uniqueness of the child, their tastes, their pace and their reality, in order to achieve a successful process that involves everyone who is immersed in this period of adaptation, especially the child who is the main subject of this process.

Keywords: Adaptation in Early Childhood Education; Child; Pedagogical strategies.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 13 |
| 2.1 Características e especificidades da Educação Infantil | 13 |
| 2.2. Sobre o processo de adaptação | 20 |
| 2.3. Alguns dos desafios rotineiros no processo de adaptação | 22 |
| 3 A ATUAÇÃO DO DOCENTE NA ADAPTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL | 27 |
| 4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 31 |
| 5 METODOLOGIA..... | 38 |
| 5.1 Instrumento para coleta de dados | 39 |
| 5.2 Amostra | 39 |
| 5.3 Perfil dos sujeitos da amostra | 39 |
| 5.4 Procedimento da pesquisa | 40 |
| 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 41 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| REFERÊNCIAS | 59 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ÀS PROFESSORAS | 62 |

1 INTRODUÇÃO

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência”. (Augusto Cury)

Este trabalho tem como objetivo identificar algumas estratégias pedagógicas usadas pelos docentes na adaptação de crianças da Educação Infantil. Ao longo da pesquisa, então, refletimos sobre o processo de adaptação de crianças da referida etapa escolar, à luz da atuação dos professores, fazendo um levantamento das principais estratégias utilizadas por esses docentes, com o foco em garantir uma melhor adaptação para esses pequenos educandos.

O interesse pela temática surgiu a partir de um documentário chamado: “Sementes do nosso quintal” (2014), dirigido por Fernanda Heinz Figueiredo, que foi assistido e discutido na disciplina de Propostas pedagógicas e práticas de Educação Infantil, no quinto semestre (2020.2) do curso de Pedagogia. Em uma das cenas do documentário, mostra-se o retorno de uma instituição pedagógica às suas atividades letivas e algumas crianças que iniciam sua vida escolar naquele momento.

Na trama, ficou evidente o quanto esse período é difícil tanto para a criança como para seus pais, além de como a ação do docente é essencial nesse processo. Diante disso, foram surgindo alguns questionamentos, por exemplo: como é realizada a adaptação na Educação Infantil? Quais os desafios que estão intrínsecos nesse período? Como os docentes atuam para tornar esse processo mais tranquilo para as crianças? Quais estratégias pedagógicas são utilizadas?

O estudo se faz relevante por se tratar de um processo que ocorre constantemente nas instituições educativas e que condiz com uma passagem significativa na vida das crianças, de seus familiares e da própria instituição. Além disso, é notório que há toda uma expectativa e insegurança em torno do início da vida escolar da criança, visto que esta terá contato com novas pessoas e experiências em um ambiente diferente do familiar.

Torna-se imprescindível, pois, a atuação dos docentes e da instituição como um todo durante esse processo, buscando: 1) um diálogo contínuo com as famílias; 2) uma preparação adequada dos docentes que irão receber as crianças; 3) respeito e paciência diante da singularidade de cada criança; 4) organização do espaço proporcionando um ambiente acolhedor e atrativo para elas; 5) escolha de estratégias pedagógicas cativantes e divertidas;

dentre outras ações. Procurando conhecer mais sobre o processo de adaptação para as crianças, o estudo em questão faz-se importante, ainda, por visar trazer reflexões que possam contribuir no sentido de tornar esse momento mais tranquilo, acolhedor e seguro aos pequenos e aos familiares, gerando a construção de vínculos afetivos e de confiança entre todos nesse processo.

O referido trabalho está organizado em sete capítulos. O primeiro refere-se à introdução. No capítulo seguinte abordamos os aspectos históricos da construção da concepção de infância e o desenvolvimento da Educação Infantil, como também o conceito de adaptação e os desafios rotineiros no processo de adaptação. Após, já no terceiro capítulo, discutimos a significância da atuação do docente na adaptação. No quarto, por sua vez, ressaltamos algumas das estratégias pedagógicas encontradas na literatura para esse processo de adaptação. Posteriormente, no quinto capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa que dá forma a esse trabalho. No sexto, verificamos, a partir do comparativo feito das respostas das professoras entrevistadas, conciliando com o aporte teórico da pesquisa, algumas estratégias pedagógicas mais utilizadas pelos docentes no processo de adaptação das crianças na Educação Infantil. E, por fim, no sétimo capítulo, apresentamos as considerações finais, a partir do que foi analisado e concluído em relação ao estudo da referida temática.

2 ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo serão abordadas as características e especificidades da Educação Infantil mediante seu contexto histórico, ressaltando a construção da concepção de infância e o desenvolvimento da Educação Infantil. Será explanado, também, o conceito de adaptação segundo a concepção de alguns autores, assim como alguns dos desafios prevalentes durante esse processo.

2.1 Características e especificidades da Educação Infantil

“Toda criança no mundo deve ser bem protegida contra os rigores do tempo, contra os rigores da vida”. (Ruth Rocha)

Para dar início a essa pesquisa, é essencial lembrar, mesmo que brevemente, os primórdios da Idade Média até a Idade Contemporânea, buscando compreender as marcas históricas da construção da concepção de infância e os principais fatores que foram fundamentais para o desenvolvimento da Educação Infantil tal qual é conhecida hoje.

Inicialmente, como aponta Ariès (2006, p. 22) “A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos”, visto que nos séculos XIII ao XVII a taxa de mortalidade infantil, assim como a de natalidade eram extremamente altas. Vale ressaltar que, nesse período histórico, devido a essas circunstâncias, a criação de vínculo entre bebês e família era mínima, ou seja, “As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual” (ARIÈS, 2006, p. 22).

Um dos fatores que apontam para a elevada taxa de mortalidade das crianças recém-nascidas, segundo Heywood (2004), condiz com o fato das famílias enviarem seus bebês, após o nascimento, às chamadas amas-de-leite, que eram mulheres que amamentavam as respectivas crianças de outras famílias em troca de dinheiro. Entretanto, observou-se que as amas-de-leite mal cuidavam e tampouco forneciam atenção necessária de que careciam os recém-nascidos.

[...] As amas-de-leite, por sua vez, funcionavam como verdadeiras mercenárias, tratando suas pequenas obrigações como uma mercadoria qualquer. Segundo seus detratores, elas enganavam os pais em seus relatórios sobre as condições dos bebês, ofereciam o leite para seus próprios filhos antes e suplementavam seu estoque sobrecarregado com leite animal ou com “papa” feita de farinha ou migalhas de pão misturada à água (HEYWOOD, 2004, p. 89).

Assim, era considerado, mediante as concepções de uma grande parte das autoridades, que os bebês tinham mais chances de virem a óbito sob os cuidados das amas-de-leite do que sob os cuidados da própria mãe (HEYWOOD, 2004). Outros fatores de considerável propensão para a elevada taxa de mortalidade era a precária falta de higiene que se tinha na época, os recorrentes abandonos de crianças e infanticídios. Segundo ARIÈS (2006, p. 10):

[...] um sentimento superficial da criança - a que chamei “paparicação” - era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato.

Dessa forma, ao passar pelo período da “paparicação” a criança, geralmente com sete anos de idade, era encaminhada a morar durante um certo tempo com outra família para aprender boas maneiras, sendo chamadas durante esse período de aprendizes. Assim, elas eram submetidas a tarefas domésticas e retornavam novamente para a casa de origem depois de alguns anos, ou seja, a educação das crianças na época era proveniente da convivência e da aprendizagem com os adultos, hora ajudando os pais, hora trabalhando na posição de criadas ou mesmo se apropriando de conhecimentos sobre um determinado ofício (ARIÈS, 2006).

De fato, as crianças eram consideradas como miniadultos e não havia uma concepção formalizada de infância na sociedade medieval, pois, “assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (ARIÈS, 2006, p. 99). Além disso, Ariès (2006) também aponta que, em obras iconográficas da arte medieval até meados do século XII, havia uma distorção nas características das crianças, sendo estas diferenciadas apenas do adulto em sua altura, mas similares na fisionomia, o que deixa claro como a infância era percebida pela sociedade naquele tempo. Entretanto, vale destacar que, no século XIII, as representações de crianças em obras medievais começaram a ter um aspecto similar ao sentimento moderno, trazendo dessa forma uma caracterização mais realista e sentimental em relação à criança.

Na sociedade e na família, a concepção sobre a infância também ia se modificando e evoluindo. Segundo Ariès (2006, p. 189):

Entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. Essa volta das crianças ao lar foi

um grande acontecimento: ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro.

Essa valorização da infância surgiu mediante a uma preocupação moral com a disciplina e a racionalidade dos costumes que se desenvolveu na época, considerando a inocência e fragilidade da criança. Esse novo sentimento referente à infância foi desencadeado por eclesiásticos, educadores e moralistas, e logo se disseminou entre as famílias servindo de inspiração para toda a educação até o século XX (ARIÈS, 2006).

Dessa maneira, “a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto” (ARIÈS, 2006, p. 159), ou seja, as crianças não iriam mais ser submetidas a se deslocarem para passar um tempo com uma outra família para aprender algo, agora a criança poderia permanecer com sua família de origem tendo a escola como meio de educação. Vale ressaltar que, com essa modificação na sociedade, a família centralizou sua atenção para a criança, e restringiu seu número para assim melhor cuidar dela (ARIÈS, 2006).

Com o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, várias foram as mudanças ocorridas na sociedade e principalmente no âmbito familiar. Com a crescente urbanização e a expansão da industrialização, houve a “necessidade de incorporar grande número de mulheres casadas ou solteiras ao trabalho nas fábricas” (OLIVEIRA *et al.*, 1996, p.18). Além disso, a inserção das mulheres ao mercado de trabalho também decorreu da necessidade econômica que muitas famílias sofriam na época.

Diante dessa situação e não tendo com quem deixar sua prole, muitas trabalhadoras da classe operária, assim como imigrantes europeus residentes no Brasil, reivindicaram creches para seus filhos. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (1996, p. 18) aponta que:

[...] muitos imigrantes europeus chegados ao Brasil desde o final do século anterior foram sendo absorvidos como mão-de-obra nas fábricas. Na década de vinte eles começam a se organizar nos centros urbanos mais industrializados do país em movimentos de protesto contra as condições a que se achavam submetidos nas fábricas e reivindicavam, dentre outras coisas, creches para seus filhos. Os donos das indústrias, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também algumas creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches ou escolas maternas, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso: Mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor.

Além das creches criadas dentro das fábricas, também existiam creches fora delas, estas subsidiadas por entidades filantrópicas, que posteriormente passaram a receber doações de famílias ricas e auxílio governamental para o desenvolvimento de suas atividades. É importante destacar que o trabalho desenvolvido nessas creches era apenas de caráter assistencialista, ou seja, voltado somente para a segurança física, alimentação e higiene das crianças, não havendo nenhuma ação designada para o aspecto educacional, cognitivo e afetivo delas (OLIVEIRA *et al.*, 1996).

Nessa lógica, com o crescimento constante de mulheres no mercado de trabalho provenientes de diferentes camadas sociais, houve um aumento considerável de demandas pelo serviço das creches, bem como por uma educação formal nesses locais. A partir disso, creches e pré-escolas que atendiam a uma população mais pobre começaram a se basear na teoria da privação cultural, que buscava elucidar a questão da marginalidade existente nessa classe social. Dessa forma, foi se instalando nas creches voltadas para famílias de baixa renda uma educação compensatória, a qual tinha como intuito ajudar as crianças na superação das difíceis condições sociais de sua classe. Enquanto isso, nas creches e pré-escolas de entidades particulares destinadas às crianças de famílias com um maior poder aquisitivo, seus trabalhos eram voltados para a sociabilidade, criatividade e para um desenvolvimento infantil completo (OLIVEIRA *et al.*, 1996).

Verificamos assim, que as crianças dos diferentes grupos sociais eram submetidas a contextos de desenvolvimento diferentes e desiguais nas famílias, nas creches e pré-escolas. Enquanto que as crianças pobres eram atendidas em creches com propostas que partiam de uma idéia (sic) de carência e deficiência, as crianças mais ricas eram colocadas em ambientes estimuladores e consideradas como tendo um processo dinâmico de viver e desenvolver-se (OLIVEIRA *et al.*, 1996, p. 21).

Com a intensificação de reivindicações populares, desencadeadas por movimentos sociais, grupos feministas, operários, dentre outros nessa época, que reivindicavam fervorosamente a criação de redes públicas de creches custeadas totalmente pelo Estado, este acabou tendo que se responsabilizar por essas instituições (HADDAD, 1991). Diante disso, conseqüentemente, houve um crescente número de creches provindas da incumbência direta e constante do Poder Público (OLIVEIRA *et al.*, 1996). Aos poucos, a creche foi deixando sua função assistencialista e se formando como uma instituição educacional.

Bujes (2001, p. 15) sintetiza que “as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade”, sendo essas instituições

de educação infantil desencadeadas séculos depois ao surgimento da escola e impulsionadas pela inserção das mulheres no mercado de trabalho, a partir da Revolução Industrial. Haddad (1991) salienta que, em países norte-americanos e europeus, as creches surgiram durante o século XIX, mas no Brasil foi apenas no início do século XX.

Um marco extremamente importante para as crianças e para a Educação Infantil, foi a promulgação da Constituição Federal de 1988, que reconheceu a criança e o adolescente como sujeitos constituídos de direitos, devendo a família, a sociedade e o Estado respeitar e assegurar-lhes. A atual Carta Magna, também, estabeleceu a garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade, designando os municípios a atuarem especialmente no Ensino Fundamental e na Educação Infantil (BRASIL, 1988). Dessa maneira, a Constituição de 1988 esclarece que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, Art. 227).

É importante destacar que, a partir da Emenda Constitucional nº 53/2006, a qual retifica o Art. 208, inciso IV, da Constituição de 1988, se estabelece que a Educação Infantil, em creche e pré-escola, será destinada às crianças de até cinco anos de idade, e não mais às crianças de até seis anos de idade, devendo estas ingressarem no Ensino Fundamental (Lei nº 11.114/2005).

Outro marco importante, foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que trouxe de forma mais detalhada cada um dos direitos de crianças e adolescentes explicitados na Constituição de 1988, bem como reforçou a concepção de que ambos indivíduos são sujeitos de direitos, que estão em constante processo de desenvolvimento e formação, sendo plenamente amparados e protegidos pela lei (BRASIL, 1990). Desse modo, o ECA reforça:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, Art. 3º).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996, estabeleceu a inserção da Educação Infantil como parte da Educação Básica, reconhecendo a importância significativa das creches e pré-escolas no desenvolvimento e na educação das crianças, como também determinou a exigência mínima de formação para atuação na Educação Básica (BRASIL, 1996). Logo, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, Art. 29).

Vale ressaltar que a LDB também regula a idade a qual cada etapa da Educação Infantil se refere, sendo a creche voltada a crianças até três anos de idade, e a pré-escola a crianças de quatro a cinco anos. Ademais, a partir da Emenda Constitucional nº 59/2009, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças a partir de quatro anos de idade, ou seja, a família agora era obrigada a matricular seus filhos a partir dessa idade em uma instituição de educação infantil. É importante ressaltar que a Educação Infantil não tem o objetivo de promoção para o acesso ao Ensino Fundamental, visto que sua avaliação constitui-se por acompanhamento e registro contínuo da criança em prol de seu desenvolvimento global.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, tem como enfoque orientar e organizar as propostas pedagógicas e curriculares das instituições educativas, destacando princípios a serem seguidos e respeitados no trabalho destinado às crianças da Educação Infantil, sendo estes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009, p. 16).

Além disso, as DCNEI também trazem como eixos estruturantes da prática pedagógica as interações e brincadeiras, sendo estes propulsores de diversas experiências no ambiente da educação infantil, tendo a criança como centro de todo o processo. Vale ressaltar que a DCNEI também aborda a questão do cuidar e educar, estabelecendo e afirmando que essas duas ações são indissociáveis na Educação Infantil (BRASIL, 2009).

Em 2017, é publicada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que institui e orienta as aprendizagens essenciais que devem ser trabalhadas nas etapas referentes à Educação Básica, ou seja, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental (Anos iniciais - 1º ao 5º, e Anos

finais - 6º ao 9º) e no Ensino Médio. A BNCC é organizada por eixos estruturantes, direitos e objetivos de aprendizagem, além de competências, habilidades, de acordo com áreas do conhecimento, e campos de experiência (BRASIL, 2017).

Em relação à Educação Infantil, a BNCC traz: os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento; os Campos de Experiência; e os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento. São seis os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar; Conhecer-se. Todos estão baseados nos eixos estruturantes que norteiam a Educação Infantil, ou seja, as interações e brincadeiras. É relevante salientar que os seis direitos devem ser garantidos para que dessa forma as crianças tenham possibilidades de aprender e se desenvolver (BRASIL, 2017).

Já os Campos de Experiência são constituídos por cinco, são eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gesto e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Estes servirão como meios nos quais as crianças vão se apropriar de conhecimentos e vivenciar experiências singulares em sua formação (BRASIL, 2017).

Os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento fazem parte de cada Campo de Experiência já mencionado anteriormente. Cada Objetivo de Aprendizagem e Desenvolvimento é sistematizado conforme a faixa etária da criança, sendo denominados: Bebês (0 a 1 ano e 6 meses); Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) e cada um é constituído por um código alfanumérico, ou seja, código formado por letras e números (BRASIL, 2017).

De fato, como afirma Heywood (2004, p. 21) “a criança é um constructo social que se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, varia entre grupos sociais e étnicos dentro de qualquer sociedade”. Dessa maneira, várias foram as mudanças que ocorreram em nossa sociedade até os dias atuais referentes ao público infantil, como pôde ser percebido ao longo do que foi discorrido nos parágrafos anteriores, envolvendo desde a construção da concepção de infância, a alteração da organização familiar e posteriormente a criação de Leis e Documentos que legitimam a criança como um sujeito de direitos, o qual deve ser amparado, cuidado e respeitado por todos que constituem a sociedade.

Portanto, acompanhar todas essas evoluções, tendo a criança como centro da discussão, é de suma importância para entender esse ser tão repleto de singularidades que está constantemente em pleno desenvolvimento de suas características, sejam elas físicas, cognitivas, emocionais, simbólicas e sociais, e que necessita continuamente de um olhar sensível e de uma escuta ativa, bem como de se sentir acolhido e seguro aonde quer que esteja

durante seu processo de crescimento. Sendo assim, o período de adaptação das crianças ao ambiente da educação infantil é um dos momentos mais marcantes e significativos para todos os envolvidos, em especial para a criança que inicia uma nova etapa da sua vida.

2.2. Sobre o processo de adaptação

“Educação infantil é amor e dedicação. É respeitar o tempo de cada aluno para garantir sua inserção no mundo do saber”. (Heloísa Paiva)

O processo de adaptação na Educação Infantil é um momento marcante, tanto para as crianças como para os pais. Como bem se sabe, o primeiro contato da maioria das crianças advém do meio familiar. É na família que as crianças vão se apropriando, desde o nascimento, de valores, princípios e costumes que circundam esse ambiente, assim como da cultura a qual sua família está inserida. Ademais, é nesse mesmo grupo que se estabelecem as primeiras relações afetivas e a construção de vínculos. Como afirmam André e Barboza (2018, p. 3):

A instituição familiar é a base do indivíduo, é por meio das relações que a criança estabelece com a família que ele aprende valores morais, culturais e crenças. O ambiente familiar é o primeiro lugar onde o indivíduo se socializa e, portanto, tem um grande valor e impacto na formação da criança.

Ainda segundo esses autores, “o fator determinante das composições familiares são as variáveis ambientais, sociais, fatores econômicos, culturais, políticos e religiosos de cada época” (ANDRÉ; BARBOZA, 2018, p. 3), ou seja, as famílias vêm se modificando ao passar do tempo, cada uma possuindo características e peculiaridades que devem ser consideradas e respeitadas no espaço educativo. Assim, é de suma importância que, durante o processo de adaptação da criança, a família e os professores, bem como todos que constituem a cena educativa, busquem se conhecer melhor para que dessa forma construam uma relação de parceria e confiança no ambiente educacional.

A partir disso, como sintetiza Strenzel (2002, p. 1) “São muitas as expectativas colocadas neste tempo de chegada. Momento de receber novas famílias com seus valores, suas crenças, suas histórias de vida. Momento de conhecer e fazer-se conhecer”. Logo, ao ingressar na educação infantil, a criança inevitavelmente precisará de um tempo para familiarizar-se ao ambiente educacional (CORRÊA; MOTA, 2022). É imprescindível, então, que a creche e a

pré-escola ofereçam uma atenção especial durante o período de adaptação da criança, tendo em vista que é um momento que vem carregado de insegurança e ansiedade por todos que nele participam, ou seja, crianças, pais e professores (LADWIG; SILVA, 2018).

Convém destacar, ainda, que a adaptação é um período delicado para a criança, visto que se configura como um episódio novo em sua vida que possibilitará contato com outras pessoas diferentes do seu convívio familiar, além de um tempo longe da presença constante de seus pais e um contato frequente com uma maior quantidade de crianças em sua rotina, o que requer, mediante a essas mudanças, paciência, compreensão, diálogo e segurança por parte de todos que estão imersos nesse processo de adaptação (LADWIG; SILVA, 2018). Ortiz (2000) aponta que:

Há muito tempo atrás nas creches e pré-escolas e até mesmo nas escolas de ensino fundamental, parecia não haver outro jeito: ou as crianças se adaptavam ou se adaptavam. A mãe “precisava” trabalhar e a criança “precisava” ficar na creche. Os primeiros dias em uma instituição educacional eram visto como um mal necessário pelo qual toda criança deveria passar. A idéia (sic) que mais cedo ou mais tarde a criança acabaria se acostumando, o que de fato acabava acontecendo, fazia parte do senso comum. Sofrimento, insegurança, desamparo e outras possíveis decorrências deste processo eram desconhecidas e por vezes ignorados (ORTIZ, 2000, p. 3).

Nesse sentido, foi mediante a estudos que iam sendo desenvolvidos na área de psicologia e psicanálise, os quais se detinham às emoções, aos sentimentos, à socialização e à construção da identidade, que as instituições de educação, inicialmente da classe média e alta, começaram a ter uma maior atenção ao período de ingresso da criança na instituição de educação infantil, compreendendo que esse período acarretava alguns sentimentos, a princípio estressantes, tanto nas crianças, como nos pais e professores, e que através de estratégias específicas e de um planejamento bem elaborado todos esses aspectos poderiam ser minimizados (ORTIZ, 2000).

Dessa forma, é válido considerar que a partir desses estudos pôde-se propiciar um novo olhar diante do processo de adaptação da criança na educação infantil, considerando assim que a mesma é um ser que precisa ser assistido, acolhido, entendido e amparado no espaço desconhecido que está sendo matriculado/inserido. A partir disso, Ortiz (2000, p. 3) define que:

A adaptação pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas. Onde as relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas ao contrário do que o termo sugere não

depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação. Depende também da forma como é acolhida.

Sendo assim, para Ortiz (2000), a qualidade do processo de adaptação está diretamente ligada à qualidade do acolhimento, isto é, à maneira com a qual a criança é recebida e recepcionada pela instituição educacional. Reda e Ujiie (2009) consideram que a adaptação é um processo amplo em que a atividade das crianças e a intervenção dos adultos configuram-se como um meio motivacional no processo maturativo e de aprendizagem de cada criança, formando vínculos afetivos em um contexto rico de interações sociais.

Nesse viés, é primordial que no processo de adaptação seja respeitada a individualidade da criança, bem como seus limites e o tempo para se habituar ao novo contexto (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013). Ademais, Ladwig, Goi e Souza (2013) afirmam que adaptar e acolher são processos que se inter-relacionam e são interdependentes, ou seja, ambos estão ligados intrinsecamente no momento de ingresso da criança na instituição de educação infantil.

Diante disso, é notório como o período de adaptação configura-se como um momento que necessita de exclusivas atenções para atender toda a demanda que provém desse processo, seja por parte das crianças, famílias ou professores. É importante que todos se sintam acolhidos e tenham empatia e paciência diante dos acontecimentos, desafios e sentimentos que podem aparecer no momento que a criança inicia sua vida escolar e, conseqüentemente, é inserida em um ambiente incomum, com pessoas desconhecidas do seu dia a dia.

2.3. Alguns dos desafios rotineiros no processo de adaptação

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”. (Rubem Alves)

Ao discutir sobre adaptação, especialmente no ingresso da criança na Educação Infantil, nos deparamos com uma série de acontecimentos e sentimentos que circundam a todos que estão envolvidos nesse processo: a criança, a família e os professores. Este processo, muitas vezes, é definido como um período doloroso, no qual muitas emoções e reações ao novo ambiente e à nova rotina são expressas. Afinal, “muitas vezes não é só o novo que assusta, mas sim a ausência da mãe” (RIZZO, 1992, p. 312). No mesmo sentido, Balaban (1988, p. 13-14) aponta que:

A separação dos pais ou daquela pessoa que é a sua principal fonte de atenção torna as crianças pequenas frequentemente muito infelizes. Elas muitas vezes se sentem abandonadas, deixadas de lado e desprezadas. Elas podem se sentir amedrontadas, como também muitas vezes, enraivecidas. As crianças, às vezes, gritam e choram. Atiram coisas. Batem nas outras crianças. Tentam bater no professor. Elas batem. Dão pontapés. Deitam no chão e têm crises de mau humor.

Por outro lado, como também explica Balaban (1988), há crianças que chegam na sala de referência como se já fizessem parte dela, ou seja, tocam nos materiais dispostos na sala, interagem bem com as outras crianças, se despedem tranquilamente de seus pais e relacionam-se bem com a professora. Entretanto, em um dado momento, algumas destas crianças regridem em seus comportamentos e acabam tendo reações inversas ao ir como de costume à creche e pré-escola, representando, por vezes, uma “falsa adaptação” perante o comportamento inicial que tiveram ao ingressar na educação infantil.

Ortiz (2000) destaca que certas crianças que apresentam maior confiança ao ingressarem na instituição educativa e agem de forma natural ao ambiente a princípio desconhecido, possivelmente são melhor preparadas emocionalmente, tendo em vista que já podem ter tido experiências positivas de separação, ou mesmo aguardam ansiosamente por esse momento de ida à creche ou pré-escola, visto que já possuem familiares que frequentam esse local.

Ainda nesse sentido, Balaban (1988) explica que também existem crianças que buscam esconder seus sentimentos durante o processo de chegada e adaptação na instituição educacional, sendo consideradas como quietas e dóceis, o que ocasionalmente resulta em uma certa negligência por parte dos profissionais da educação infantil para com elas, posto que, teoricamente, não causam problemas. Rapoport e Piccinini (2001) salientam que:

Dentre as reações manifestadas na adaptação aos cuidados alternativos o choro tende a ser a mais comum entre crianças durante este período, especialmente na chegada quando a criança é deixada pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 93).

É válido esclarecer que o choro da criança, independentemente de sua idade, durante esse período, condiz como uma forma da criança expressar sua angústia por estar em um lugar desconhecido, distante de sua residência e familiares, onde por vezes não tem uma atenção direcionada somente a ela e nem objetos que unicamente a mesma somente pode manipular (LADWIG; SILVA, 2018), ou seja, tendo que dividir os brinquedos com as demais crianças, assim como a atenção do professor nesse espaço.

Além do choro, “gritos, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, comportamentos regressivos e a ocorrência de doenças também são indicadores freqüentes (sic) de dificuldades na adaptação” (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 93). De fato, as mudanças que ocorrem na vida da criança ao ingressar na educação infantil são extremamente significativas, tendo em vista que afetam consideravelmente o comportamento social e emocional delas (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016).

Mediante a esses aspectos, Ortiz (2000) aponta que apesar da maior parte das crianças reagirem fortemente e de distintos modos à separação que ocorre entre elas e seus pais durante o ingresso na educação infantil, é de suma importância que estas não sejam rotuladas por essas reações, mas sim que essas reações sejam acolhidas e que se reconheça a maneira de como cada criança se manifesta considerando como natural dentro deste processo de adaptação. Assim, é fundamental que cada criança seja acalentada e receba a devida atenção de que precisa ao longo desse processo, sendo jamais deixada de lado ou mesmo desassistida por causa de suas atitudes.

Torna-se relevante, frisar, ainda, que ao chegar no ambiente da educação infantil, a criança já traz consigo expectativas sobre os adultos, as crianças e os objetos e brinquedos mediante as experiências que teve antes de adentrar à educação infantil (ORTIZ, 2000), cuja muitas dessas experiências são provindas do meio familiar. A partir disso, é imprescindível que a criança precise de um tempo para que conscientemente perceba as discrepâncias que existem entre a instituição educacional e sua casa e possa ir aos poucos se sentindo segura e confiante para expandir seus sentimentos afetivos a uma outra pessoa (ORTIZ, 2000).

Dessa forma, é indispensável que a família seja uma aliada nesse processo de adaptação junto aos professores, a fim de facilitar e proporcionar um período mais prazeroso e tranquilo à criança que está passando por esse processo. Além disso, vale destacar que a família tem uma valiosa importância no processo educativo da criança devido aos laços afetivos e o convívio diário que tem com ela, devendo assim participar ativamente da adaptação de seus filhos (ANDRÉ; BARBOZA, 2018).

Nessa esfera, é primordial que, “para que ocorra um bom relacionamento entre a família e a escola, haja uma boa comunicação e colaboração de ambos os lados” (ANDRÉ; BARBOZA, 2018, p. 18). Outrossim, vale ressaltar que esse momento de separação da criança dos pais, mesmo que de forma momentânea, ou seja, por algumas horas durante o dia, também é algo sentido por estes.

[...] os sentimentos da criança estão intimamente ligados com os do pai ou da mãe. Os pais podem ter vários tipos de emoção quando trazem seus filhos para a escola pela primeira vez. Não é possível compreender os sentimentos da criança sem avaliar simultaneamente os sentimentos dos pais. O ingresso na escola é um acontecimento significativo para ambos (BALABAN, 1988, p. 17).

Nesse sentido, assim como as crianças, os pais igualmente necessitam ser acolhidos no ambiente educativo. De fato, os pais também passam por um momento de adaptação diante desse cenário, tendo em vista que terão que habituar-se ao distanciamento dos filhos e à recente rotina estabelecida pela instituição educacional (CORRÊA; MOTA, 2022). Desse modo, “os familiares têm que compreender que a separação é importante na vida da criança, pois configura-se como o primeiro passo à adaptação, à socialização e à autonomia do educando” (CORRÊA; MOTA, 2022, p. 3).

Além disso, é considerável destacar que a forma como a família, a princípio a mãe, age diante desse processo irá refletir conseqüentemente no comportamento da criança (RIZZO, 1992). Assim sendo, é imprescindível que durante o período de adaptação da criança ao novo ambiente, a família procure transmitir segurança a ela, sendo essencial que nesse momento os profissionais da instituição educativa se façam presentes e disponíveis para esclarecer as dúvidas dos pais, bem como tranquilizá-los em relação a esse processo (SANTOS; MENDONÇA, 2019).

A partir disso, é válido destacar que “muitos pais também são de primeira viagem, seja na creche ou na pré-escola, e precisam de apoio e orientação” (ORTIZ, 2000, p. 7). Nesse contexto, é necessário que haja uma relação dialógica e de parceria entre a instituição educativa e a família, para que assim ocorra uma maior transparência e conforto durante esse momento, desencadeando aspectos positivos a todos que estão imersos nesse processo de adaptação.

Strenzel (2002) aponta que a decisão de como realizar a separação das crianças de seus familiares durante o ingresso da criança na educação infantil, deve ser discutida e analisada com a coordenação pedagógica e professoras em conjunto. Dessa maneira, todos precisam trabalhar em colaboração para propiciar uma separação tranquila e exitosa entre criança e família durante o período de adaptação.

[...] a instituição educacional deve se preparar humanamente para esse processo, com um olhar cuidadoso e atento a família e a criança, transmitindo-lhes confiança, respeitando suas particularidades e rotinas, de maneira que sintam-se acolhidos, propiciando assim uma adaptação com mais facilidade a este novo ambiente (SANTOS; MENDONÇA, 2019, p. 2-3).

Além disso, “muitas vezes para a maioria das famílias também se torna um processo difícil, deixar seus filhos com pessoas *desconhecidas*” (BRAATZ; DALPIAZ, 2020, p. 4, grifo do autor), isto é, muitos pais tendem a preocupar-se em relação à competência do professor, se estes irão cuidar bem de seus filhos, se serão atenciosos (BALABAN, 1988). Nesse processo, é primordial que os pais e professores estabeleçam vínculos de confiança mediante a entrada da criança na educação infantil.

Vale destacar que o professor também precisa estar aberto a novas experiências (SANTOS; MENDONÇA, 2019), tendo em vista que terá um novo contato com outras famílias e crianças. Balaban (1988) ressalta que o professor “talvez não anseie pelos primeiros dias por causa do esforço e do desgaste emocional que eles causam” (BALABAN, 1988, p. 22), dado que as crianças estarão passando pelo processo de adaptação, seus pais estarão presentes no espaço educativo e ainda estará ocorrendo o estabelecimento da rotina na sala de referência.

Dessa forma, Silva, Paiva e Rodrigues (2016) esclarecem que o processo de adaptação não é difícil somente para a criança, mas também para a família e à professora, uma vez que envolve uma série de reorganizações e transformações para todos os que participam desse momento. Além disso, esses autores também chamam a atenção para as relações que ocorrem com as demais crianças no espaço educativo:

Além das relações com professores na escola, há o convívio social entre os próprios alunos. Essa interação social na educação infantil é uma atividade imprescindível para o aprendizado do controle das emoções e agressividade e, também, da troca de valores. Ao mesmo tempo, há a revelação de características pessoais que podem levar à aceitação ou rejeição pelo grupo (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2112).

Nessa lógica, vários são os fatores que estão prevalentes no processo de adaptação da criança, sendo importante destacar que “cada criança passa pelo processo de adaptação de um modo diferente e em um tempo diferente e nem todas se adaptam facilmente a novas situações” (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2112). Em resumo, é imprescindível que esse período seja respaldado de cuidado, sensibilidade, compreensão, acolhimento e respeito à individualidade e ao tempo de cada criança, além de ser um período de grande relevância para a formação e desenvolvimento da mesma.

Em suma, mediante ao que foi visto até aqui, vários são os desafios presentes no processo de adaptação da criança ao iniciar a vida escolar, os quais afetam e despertam reações e sentimentos a todos que nele se encontram, desde pais, professores, demais crianças, a própria criança e toda a instituição educacional, sendo de extrema importância a parceria entre

a família e os profissionais da educação infantil para o estabelecimento de possíveis soluções a dificuldades que esse processo possa vir a demandar. Ficou evidente, pois, que a atuação do docente se configura como essencial nesse momento, uma vez que este terá um contato constante com a criança e sua família.

3 A ATUAÇÃO DO DOCENTE NA ADAPTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. (Antonie de Saint - Exupéry)

No processo de adaptação o professor é o principal ator de convivência no âmbito educacional, visto que tem uma relação mais direta com as crianças e suas famílias. Esse profissional é de suma significância no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, tendo em vista que será o maior responsável por receber, acolher e tranquilizar os pequenos e seus responsáveis, bem como planejar sua prática docente e atuação pedagógica durante esse período de adaptação que a criança está enfrentando. Segundo, Ladwig e Silva (2018, p. 7):

O professor precisa ser um constante pesquisador para compreender como se dá o processo de adaptação e poder cada vez mais colaborar no bem-estar da criança por estar disposto a procurar entender cada uma como um sujeito único que tem a sua história com seus medos, angústias, emoções, gostos e aos poucos vai constituindo laços de confiança e afetividade para que no trabalho coletivo na escola tenha êxito.

Vale salientar que a tarefa de se aproximar da criança que está ingressando na instituição educativa não é tão fácil. Para construir um clima propício de aproximação entre criança e professor, o docente necessita ter um olhar cuidadoso e atento para detectar o que desperta a aproximação da criança, ou seja, o mesmo deve proporcionar momentos que possibilitem a socialização, a comunhão de uns com os outros, objetivando desse modo a efetivação de uma adaptação bem-sucedida mediante a criação de vínculos e vivências no ambiente educacional (REDA; UJIE, 2009). A família é também um agente essencial nesse momento, visto que inicialmente possibilitará a construção do elo entre criança e professor (STRENZEL, 2002).

Dessa forma, é importante ressaltar que a prática da convivência e de uma concreta socialização, atrelada à sensibilidade do professor, são primordiais no processo de adaptação

da criança, sendo fatores imprescindíveis na relação de ambos os sujeitos (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016). Nesse sentido, Strenzel (2002) aponta que o processo de adaptação na instituição educativa é um período propício para ir se tecendo novas relações, afinal,

É neste ambiente acolhedor que professoras, crianças e famílias vão tecendo relações, onde os adultos acompanham as crianças até que para elas a separação da figura conhecida não seja mais tão traumática. É um novo espaço, novos companheiros, novas relações que vão sendo tecidas de acordo com o ritmo próprio de cada criança. É aí que se inicia a criação de vínculos, no contato diário entre os adultos e crianças e que vai sendo trabalhada no decorrer da permanência da criança na creche (STRENZEL, 2002, p. 3).

Com base nisso, é considerável reforçar, como foi explicado no capítulo anterior, que no processo de adaptação a separação que ocorre entre a criança e seus pais, por vezes, gera sofrimento entre ambas as partes. Mediante a isso, o professor tem como responsabilidade facilitar esse processo, visando diminuir os efeitos que este momento causa às crianças e às famílias, bem como desenvolver atividades cativantes que promovam a segurança e tranquilidade da criança durante esse período (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016), pois,

O processo de adaptação tem vida, ele se move de acordo com o sentimento e as percepções das pessoas nele envolvidas. O que toca, o que encanta, o que prende a atenção da criança é a descoberta que fará o educador no contato com ela. Este contato é dinâmico, se dá através do olhar, do toque, do tom de voz, da brincadeira e da imaginação que aparece sempre vestida de faz-de-conta (REDA; UJIIE, 2009, p. 10087).

Silva, Paiva e Rodrigues (2016) ressaltam que para que a adaptação na educação infantil tenha êxito é preciso que o professor tenha afetividade e ligação com a criança. Dessa maneira, ao longo do tempo, a criança provavelmente irá se habituar à nova realidade, e a relação com o professor será melhor efetivada, uma vez que os vínculos afetivos entre ambos se desenvolverá durante esse período, se tornando estáveis. Além disso, é primordial que o docente receba e acolha a criança da melhor maneira possível, respeitando suas singularidades e diferentes reações, bem como apresentando um ambiente seguro, confortável e estimulante que desperte o interesse da criança ao novo espaço (REDA; UJIIE, 2009).

De acordo com Reda e Ujiie (2009, p. 10085) “O professor deve ser o mediador principal no contexto da adaptação escolar, não deixando a sala de aula cair na rotina ao mesmo tempo em que ganha a confiança das crianças e familiares”. Em outras palavras, a atuação do docente é extremamente significativa nesse período em que tanto pais como crianças se encontram aflitos e ansiosos com o novo ambiente que passam a frequentar. É

preciso, também, que os referidos profissionais tentem lidar da melhor forma com as diferentes demandas que este momento exige, buscando diariamente formas para inovar e tornar dinâmico esse processo em sua atuação pedagógica.

Outro ponto relevante a ser ressaltado é que os professores devem estar preparados emocionalmente e pedagogicamente para o processo de adaptação, uma vez que deverão respeitar o tempo indeterminado de adaptação de cada criança e de seus familiares, orientando-as para a condução de um processo saudável e tranquilo (BRAATZ; DALPIAZ, 2020).

Nessa perspectiva, Silva, Paiva e Rodrigues (2016) complementam destacando que a mediação realizada pelo professor possibilita que a criança construa suas características e sua identidade, assim como desenvolva comportamentos, hábitos e valores que serão essenciais nesse novo ambiente que estão adentrando, favorecendo dessa maneira o convívio social entre todos os envolvidos no processo de adaptação. Por sua vez, é indispensável que o professor busque constantemente expandir e aprofundar os seus conhecimentos, para assim melhor atender as crianças e famílias que chegam à escola (REDA; UJIE, 2009). A esse respeito, Ladwig, Goi e Souza (2013, p. 13) afirmam que:

Para a formação desses pequenos, é preciso também profissionais competentes, que tenham suporte teórico para planejar um trabalho condizente com suas realidades, gostos, preferências, necessidades, mas também que tenham habilidades e conhecimentos de diversas áreas para lidar com o imprevisto, pois nessa etapa de vida das crianças os imprevistos são constantes. Diverso do que equivocadamente muitos pensam, é preciso qualificação profissional nessa etapa de ensino, como também uma constante atualização e uma reflexão para rever constantemente a prática pedagógica.

Ademais, como esclarece Silva, Paiva e Rodrigues (2016), é fundamental que o docente seja paciente e compreensivo frente às situações adversas que podem aparecer no cotidiano da educação infantil, assim como procure considerar a individualidade de seu alunado se atentando às dificuldades explícitas ou implícitas de cada um no processo de adaptação. Então, é necessário que “o professor seja capaz de conduzir a ação educativa no processo de adaptação, a aprendizagem e a interação e socialização que envolve a instituição, a criança e os pais” (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2116).

O professor deve, ainda, manter uma comunicação rotineira com as famílias, buscando informar como está sendo o processo de adaptação da criança, como os pais podem ajudar, o que está sendo desafiador ou facilitador nesse processo, a fim de que com esses relatos possa estabelecer uma relação colaborativa, cujas partes estejam em permanente diálogo (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016). Outrossim, é basilar que a instituição

educacional, se una e dê suporte necessários aos professores nesse processo, tendo em vista alcançar um objetivo em comum, ou seja, a adaptação da criança ao ambiente educativo. Santos e Mendonça (2019, p.16) explicam que:

O professor como mediador da relação do mundo que a criança passa a conhecer deve observar as crianças em atividade, ouvir suas curiosidades, assim como seus interesses de conhecimento. Deve ser consciente de que deve estabelecer regras de modo pedagógico, assim como estratégias e ambientes interativos, a fim de favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, além de buscar estabelecer uma relação sólida e confiante com ele.

Dessa maneira, cabe ao professor, ao longo do processo de adaptação na Educação Infantil, proporcionar situações ricas que possibilitem à criança se apropriar de novas experiências nas quais se sinta à vontade para manusear, observar, brincar, dentre outras ações (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013). Vale destacar que “os momentos de aprendizagem nesse nível de ensino são construídos pela relação do professor com a criança” (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013, p. 5-6), ou seja, o elo construído entre ambos indivíduos será essencial para o desenvolvimento e para a aquisição de novos conhecimentos por parte da criança.

Isso se justifica porque, quando os professores demonstram ter segurança em seu trabalho, a família, por consequência, se sente mais confiante em deixar seus filhos na creche ou pré-escola, sendo assim mais um passo para uma tranquila e efetiva adaptação entre criança, pais e professores ao longo desse processo (LADWIG; SILVA, 2018). Dessa forma, o processo de adaptação quando bem conduzido proporciona que as famílias e professores, por meio de seu contato diário, construam uma relação proveitosa, de respeito mútuo e confiança (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2011). Acerca disso, Corrêa e Mota (2022, p. 4) salientam:

A trajetória escolar marca a vida dos pequenos, pois tudo vivido nesse período influenciará nas etapas seguintes de ensino. Portanto, para se obter êxito na adaptação da criança na escola é primordial construir uma relação pautada no diálogo, no carinho e na segurança junto à família, para que o aluno consiga desenvolver-se de forma satisfatória.

Logo, como pode-se observar, a atuação docente tem um papel fundamental na adaptação da criança, bem como na parceria com os pais durante esse processo. Vale salientar que os vínculos afetivos e a interação que o professor estabelece com a criança são fundamentais para uma boa adaptação desta a esse novo ambiente, propiciando segurança, receptividade e respeito. Por fim, as estratégias pedagógicas também se destacam nesse

processo, sendo que são fatores primordiais para o despertar do desejo da criança em permanecer na creche ou pré-escola, podendo favorecer a construção da confiança e de experiências significativas para o pequeno educando nesse momento.

4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“O professor deve ser como um jardineiro, providenciar as melhores condições externas para que as plantas sigam o seu desenvolvimento natural. Afinal, a semente traz em si o projeto da árvore toda”. (Pestalozzi)

Durante o processo de adaptação da criança na Educação Infantil, é essencial que os profissionais da instituição deem significativa atenção e cuidado a esse período, bem como estabeleça estratégias pedagógicas que favoreçam o bem-estar e prazer da criança em ir e ficar na creche e pré-escola. Além disso, como aponta Reda e Ujiie (2009, p. 10082) “a adaptação escolar é um processo que vai exigir tanto da criança que busca adequar-se a essa nova realidade social e de seus pais, quanto do educador e da instituição que precisa se preparar para recebê-la”.

Diante disso, pensar em estratégias e maneiras que possibilitem que a criança perceba que a instituição educativa é um ambiente afetivo, que possui diversas formas de aprendizado e que considera a singularidade de cada uma é de suma importância nesse momento (BRAATZ; DALPIAZ, 2020). É primordial que as estratégias planejadas para o período de adaptação propiciem tranquilidade e segurança à criança, para que ela se sinta estimulada e interessada em descobrir esse novo espaço que passa a conviver. Além do mais, a instituição de educação infantil deve complementar o ambiente familiar no que condiz a ser um espaço agradável e estimulador de afeto, possibilitando que a criança melhor se adapte a esse atual cenário (SANTOS; MENDONÇA, 2019).

Vale ressaltar que ao longo da adaptação da criança, os pais devem ser parceiros e trabalhar em comunhão com os profissionais da educação, objetivando uma maior qualidade e fluidez a esse processo tão marcante e importante na vida dos seus filhos. Devem, pois, colaborar para a realização e efetivação das estratégias elaboradas pela equipe educativa durante esse período. Assim, Ortiz (2000) destaca que, durante a matrícula da criança, é

imprescindível que a gestão informe claramente às famílias como a instituição educacional funciona.

Agendar uma entrevista com os pais e a coordenação da escola tem 3 objetivos: esclarecer dúvidas sobre a matrícula e sobre o entendimento da proposta da escola; conhecer melhor a criança e sua família e estabelecer um vínculo de confiança com os pais (ORTIZ, 2000, p. 7).

Além disso, durante a entrevista é importante que a gestão foque em questões referentes à saúde, hábitos e à maneira de se relacionar da criança, uma vez que essas informações serão primordiais para o processo de adaptação, visto que contribuirão para a elaboração do planejamento do professor e para a continuidade dos cuidados para com a criança (ORTIZ, 2000).

Destaca-se, ainda, que é de extrema relevância que a família faça uma visita prévia com a criança à instituição, para possibilitar sua familiarização com o ambiente educacional e com as demais pessoas que fazem parte desse espaço, favorecendo o sentimento, desde o início, de acolhimento, como também a viabilização de uma possível transição mais prazerosa do ambiente familiar para a instituição educativa (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016). Nesse ínterim, evidencia-se que “a adaptação bem-sucedida é fundamental para o desenvolvimento da habilidade da socialização da criança no ambiente escolar” (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2108), ou seja, é imprescindível que ao longo desse processo se almeje minimizar o sofrimento da criança, tornando esse período o mais tranquilo e afetivo possível.

Ademais, a instituição educacional deve orientar e sugerir aos pais maneiras de preparar melhor a criança para esse processo de ida e adaptação ao espaço educativo, como conversar com a criança sobre o ambiente da educação infantil, falar um pouco de como será a rotina, relatar algumas brincadeiras que irão acontecer nesse ambiente, as pessoas que vão conhecer (ORTIZ, 2000). Assim, Ortiz (2000) também destaca que os pais devem evitar falar sobre aspectos que desconhecem em relação à instituição educacional para que não crie falsas expectativas na criança, bem como não façam promessas ou chantagens à criança frente a essa nova experiência que ela irá vivenciar nesse novo e desconhecido espaço. Desse modo, a criança possivelmente ficará menos angustiada e receosa diante desse processo (LADWIG; SILVA, 2018).

Outra estratégia de extrema significância para uma efetiva adaptação da criança ao ambiente educacional é a atenção à maneira como é realizado o acolhimento quando a criança começa a frequentar a escola. Segundo Corrêa e Mota (2022, p. 3):

A forma como as crianças são acolhidas ao chegarem à escola é fundamental para sua adaptação. Em outras palavras, quando os pequenos são recebidos pelos educadores, gestores e auxiliares de turma com carinho e atenção, em um ambiente escolar preparado para o acolhimento, com calor humano, transmitindo conforto e segurança física e emocional ao aluno, isso favorece a obtenção de resultados positivos no processo adaptativo.

Além disso, é basilar que no acolhimento o professor entenda os sentimentos das crianças, converse sobre a rotina da educação infantil com elas, ajude-as a expressarem o que estão sentindo, busque valorizá-las enquanto sujeitos que estão passando por um momento totalmente novo em suas vidas e, ainda, procure desenvolver a autoconfiança nas crianças para que assim estas possam lidar com o processo de adaptação (ORTIZ, 2000). Vale lembrar que “um ambiente acolhedor contribui para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos (motor, afetivo, cognitivo etc.)” (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013, p. 8), bem como colabora para a construção de vínculos afetivos e de confiança com a criança e com sua respectiva família, favorecendo que a criança se sinta segura e confortável nesse espaço a princípio novo (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013).

Nessa perspectiva, ao acolher a criança, é indispensável que se respeite a singularidade de cada uma, a acolhendo por inteiro, reconhecendo-a como um ser constituído de valores, desejos, direitos, sonhos (BRAATZ; DALPIAZ, 2020). Dessa forma, Ortiz (2000) destaca que, quando sentimos acolhidos e bem recepcionados em algum local, possivelmente nossa conduta é de abertura e afeição àquele ambiente e às pessoas que a ele pertencem. Porém, quando acontece o inverso, ou seja, quando somos recebidos de forma indiferente, a reação é se isolar e não se envolver naquele espaço, assim, com relação às crianças não é diferente. Nesse viés, Braatz e Dalpiaz (2020, p. 8) esclarecem que:

O acolhimento permite que se desenvolva uma relação de confiança entre, família, criança e educador. Possuir um olhar sensível carregado de carinho, atenção e cuidado, só reforçam essa relação. Acolher também é pensar em vivências das quais as crianças sintam-se inseridas naquele ambiente, priorizando momentos de interação em pequenos e grandes grupos, dando ênfase ao lúdico, permitindo dessa forma que o momento em que a criança passa no ambiente escolar seja o mais prazeroso e tranquilo possível, amenizando sua ansiedade e a dor da separação de seu familiar.

Além disso, é essencial a participação da família no processo de adaptação, uma vez que a presença dos pais ou responsáveis fará com que a criança se sinta mais confiante em

explorar e permanecer no novo espaço, facilitando dessa maneira as interações sociais da criança e sua autonomia no ambiente educativo (CORRÊA; MOTA, 2022). É fundamental, então, que durante o processo de adaptação das crianças os pais organizem seus horários de trabalho ou mesmo combinem com algum familiar para que acompanhe a criança nesse período, compreendendo e prezando pelo o tempo que for preciso para que a criança se sinta segura em ficar na instituição educacional (LADWIG; SILVA, 2018).

Outrossim, Silva, Paiva e Rodrigues (2016) salientam que a separação da família com a criança deve ocorrer de modo gradativo no processo de adaptação, tendo em vista que aos poucos a criança vai se adaptando à nova rotina e ao ambiente educacional. É extremamente importante destacar que no período de adaptação os pais ou responsáveis não devam sair escondidos da criança em hipótese alguma, pois essa atitude gerará insegurança e desconfiança (Felipe, 2001).

Desse modo, é preciso que os pais conversem com a criança e se despeçam dela, propiciando que ela possa ir desenvolvendo a consciência de que essa separação é temporária e que logo seus pais retornarão para levá-la para casa, além de que essa atitude irá gerar confiança, segurança e tranquilidade na criança (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016).

Uma outra estratégia bastante recorrente durante o período de adaptação é que a criança leve para a creche ou pré-escola algum objeto transicional ou de apego, podendo ser: brinquedo, chupeta, fralda, toalha, dentre outros que goste, uma vez que tais materiais irão remeter na criança a lembrança de sua casa e dos familiares cujo tenha afeto, possibilitando que sinta maior conforto emocional e proteção (ORTIZ, 2000).

É significativo destacar que “deixar que a criança mantenha seu jeito de ser, seus rituais e sua rotina individualizada, para aos poucos se ajustarem ao grupo, proporciona suavidade ao processo sem rupturas bruscas e maior controle do adulto sobre o processo” (ORTIZ, 2000, p. 5), ou seja, é válido que, ao longo desse momento, os hábitos, o ritmo e a individualidade da criança sejam preservados e respeitados.

Outro aspecto também estratégico que possibilita uma adaptação eficaz e de qualidade é a organização da sala de referência, a qual deve colaborar para a execução das experiências planejadas e considerar as necessidades dos pequenos. Por exemplo, o mobiliário da sala deve estar de acordo com a estatura adequada para as crianças, possuindo mesas pequenas e baixas para que as crianças manuseiem os materiais com facilidade, cadeiras pequenas, brinquedos e materiais variados e ao seu alcance, colchonetes, dentre outros elementos (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013). Vale salientar que a organização do meio, dos objetos e brinquedos oportuniza que se desencadeie ações e interações entre o educador e a

criança, propiciando um ambiente aconchegante e acolhedor para ambas as partes (STRENZEL, 2002).

A escola deve dispor de um ambiente claro e agradável, gerando, assim, um sentimento de conforto. Num espaço que seja adaptado à idade e à realidade dos alunos, há uma probabilidade maior de se obter autonomia. É importante que a criança se sinta bem e adaptada ao local e, para isso, o mobiliário deve ser confeccionado tanto no tamanho quanto no material adequado. Desse modo, a criança se sentirá inserida nessa nova vida social e obterá maior êxito nas atividades propostas (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2115).

Nesse sentido, o espaço da instituição pode tanto agradar como desestimular a criança, uma vez que ao oportunizar ambientes que atendam às necessidades e especificidades das crianças é possível alcançar de modo satisfatório a capacidade no convívio social e aprendizado coletivo dela ao novo ambiente que está sendo inserida (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016). Para Montessori (2010, p. 64 *apud* SILVA, PAIVA E RODRIGUES, 2016, p. 2115):

[...] as mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada; ela poderá, por conseguinte, instalar-se comodamente, isto lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação.

Desse modo, a organização do espaço deve ser prezada nesse momento de adaptação, buscando trazer aconchego, tranquilidade, segurança, estímulo e encantamento à criança que está adentrando nesse local. Vale destacar que o planejamento se torna um elemento essencial no âmbito educativo, principalmente na Educação Infantil, tendo em vista que nessa etapa as reações das crianças se tornam imprevisíveis diante de algumas experiências e vivências propostas (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013).

Ostetto (2000, p. 1) afirma que “na intencionalidade do trabalho reside a preocupação com o planejamento”, isto é, para que se tenha um planejamento eficaz e de qualidade é preciso ter intencionalidade no que se propõe fazer e como pretende atuar. Dessa maneira Ostetto (2000, p. 1) afirma que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo [...].

Assim, é de suma importância que durante o processo de adaptação da criança a instituição educativa trace um planejamento para recebê-las nesses primeiros dias, organize tempos, materiais e espaços que as instiguem a permanecer e se sentirem motivadas a retornar à instituição no dia seguinte. Além disso, é necessário orientar os profissionais ao longo desse período, para que através desses aspectos se garanta uma maior qualidade e êxito no processo de adaptação (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013).

Vale lembrar que é importante, também, que inicialmente o tempo de permanência da criança deva ser reduzido, sendo aumentado pouco a pouco mediante a resposta da criança ao processo de adaptação (SANTOS; MENDONÇA, 2019), bem como é importante que se evite a troca de professor durante esse processo, buscando facilitar que a criança crie uma relação estável e de afetividade com o educador (RAPOPORT; PICCININI, 2001). Ademais, é viável que se receba um pequeno grupo de crianças por vez durante esse período, para que assim o professor possa acolher e dar atenção de maneira adequada às necessidades das crianças (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016).

Com base nisso, percebe-se que “o trabalho gradual se torna mais fácil, também, para o educador, o qual consegue ter uma maior e melhor interatividade, conseguindo atingir o objetivo proposto da adaptação infantil” (SILVA; PAIVA; RODRIGUES, 2016, p. 2116-2117). Assim, quanto mais atenção e cuidado se tiver com esse período, maior são as chances de todos que participam desse processo obterem resultados positivos e benéficos. Santos e Mendonça (2019, p. 16) esclarecem que:

O processo de adaptação e acolhimento, quando planejado, possibilita à criança confiança nesse novo ambiente que frequentará, recebendo e respeitando sua singularidade, rotinas, considerando sua realidade e diferenças sociais, apresentando-se como um ambiente seguro e confiável, que proporcione aprendizado significativo.

Em complemento, Rapoport e Piccinini (2001) informam que o trabalho realizado com crianças pequenas demanda cuidados específicos e o planejamento do atendimento é distinto do elaborado para as crianças maiores ao longo do processo de adaptação. Por isso, Ortiz (2000, p. 5) destaca que os professores devem, durante esse período,

Manter a rotina que a criança pequena tem em casa, no caso de menores de 3 anos, quanto aos cuidados específicos. Manter os rituais para dormir, comer ou usar o banheiro.

Para as maiores de 3, explicar como será o seu dia a dia e colocar a rotina visualmente num quadro, para que a criança aprenda a controlar os diferentes momentos.

Nessa lógica, é essencial que a professora procure estabelecer uma rotina constante, para que assim a criança possa ir se apropriando do cotidiano do ambiente da instituição durante o processo de adaptação (ORTIZ, 2000). Vale destacar que “as crianças aprendem a se localizar no tempo, no espaço e com as atividades quando a rotina é mantida, além de construir vínculos e se organizar para a aprendizagem” (ORTIZ, 2000, p. 6). Nesse processo, aos poucos, as habilidades, aprendizagens e os saberes vão sendo desenvolvidos e formados (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013), bem como os medos e a insegurança que eram recorrentes nos primeiros dias vão sendo deixadas para trás (LADWIG; SILVA, 2018).

É imperioso frisar que os docentes devem procurar elaborar um planejamento voltado especificamente para esse período, com experiências voltadas para o lúdico, proporcionando um ambiente mais divertido, agradável e prazeroso para a criança no processo de adaptação (CORRÊA; MOTA, 2022). Nesse contexto, Strenzel (2002) destaca:

Sobre a programação a ser oferecida pelas professoras, ou seja, as situações oferecidas e a organização dos espaços, a brincadeira toma um lugar especial, onde são apresentados os brinquedos e as novas possibilidades de ações para as crianças, oferecendo a elas um espaço definido que lhes oportuniza várias vivências. São seus primeiros contatos sociais fora do círculo familiar. Também são muito valorizadas ações simples, porém de grande importância, como o carinho, o afeto, as conversas (STRENZEL, 2002, p. 3).

Assim, vale ressaltar que as atividades lúdicas proporcionam que a criança através do brincar se desenvolva, interaja com as demais crianças e adultos que estão ao seu redor, tenha contato com variados e diferentes brinquedos, bem como amplie a autoconfiança, a curiosidade, a aprendizagem, a exploração e a autonomia da criança no espaço educativo (NILES; SOCHA, 2014). Além disso, “o meio lúdico pode ser visto como um ambiente capaz de acolher a espontaneidade da criança em busca do seu próprio ser, onde ela pode ser criativa, espontânea e sentir-se segura” (NILES; SOCHA, 2014, p. 85). Dessa forma, a ludicidade tem um papel especial no processo de adaptação da criança, assim como na socialização e interação dela nesse espaço, sendo mais uma estratégia essencial ao longo do processo de adaptação da criança no ambiente educacional.

Portanto, como foi salientado nos parágrafos anteriores, é imprescindível que seja utilizado no processo de adaptação estratégias que facilitem esse momento e que tragam sentimentos positivos nas crianças, fazendo-as se sentirem acolhidas, seguras e tranquilas nesta nova etapa que se inicia em suas vidas. Sendo assim, é fundamental que durante esse período haja uma boa acolhida, um planejamento flexível e intencional, um preparo e

organização do espaço educacional, um ambiente lúdico com brincadeiras, brinquedos e jogos diversificados. Em complemento, a instituição educativa e a família devem trabalhar em conjunto nesse processo, sendo parceiros participativos para promover um bem-estar significativo da criança nesse período.

5 METODOLOGIA

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Paulo Freire)

Na metodologia “descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa” (Gil, 2002, p. 162). Iniciamos afirmando que o presente estudo é uma pesquisa de caráter exploratório que visa identificar algumas estratégias pedagógicas usadas pelos docentes na adaptação de crianças da Educação Infantil e que são apresentadas por estes no decorrer da entrevista realizada pela pesquisadora. Gil (2002, p. 41) explica que as pesquisas do tipo exploratória:

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias (sic) ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Vale ressaltar que foram utilizados estudos de autores que pesquisam sobre o processo de adaptação na Educação Infantil, sendo estes: Rapoport e Piccinini (2001), Ladwig, Goi e Souza (2013), Silva, Paiva e Rodrigues (2016), Ortiz (2000), dentre outros. Dessa forma, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa, visto que segundo afirma Minayo (2002):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

5.1 Instrumento para coleta de dados

Visando verificar as estratégias pedagógicas mais utilizadas por professoras da Educação Infantil no que se refere ao processo de adaptação das crianças, utilizou-se como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada. Triviños (1987, p. 146) esclarece que a entrevista semiestruturada é:

[...] em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O roteiro da entrevista foi constituído por treze questões, havendo a necessidade da elaboração de mais duas perguntas durante o momento da realização da entrevista, totalizando quinze questões. O roteiro foi dividido em duas partes: 1) a primeira parte é composta de quatro perguntas, na qual são levantados dados referentes à formação e ao tempo de serviço dos sujeitos entrevistados na Educação Infantil; 2) a segunda parte é constituída por onze perguntas relacionadas a questões que tratam da temática em estudo.

5.2 Amostra

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 163), a amostra “é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”. A amostra da pesquisa foi constituída por quatro professoras, sendo duas docentes da rede pública e as outras duas da rede privada. Todas as docentes trabalham na Educação Infantil, em instituições educacionais diferentes.

5.3 Perfil dos sujeitos da amostra

Tendo em vista que a pesquisa é constituída por quatro professoras, é importante que se descreva o perfil de cada uma para uma melhor compreensão sobre cada sujeito participante.

Buscando preservar a identidade das professoras na parte da análise de dados, cada uma foi nomeada de P1, P2, P3 e P4, de acordo com a ordem que as entrevistas aconteceram, ou seja, a P1 seria a primeira entrevistada, a P2 a segunda e assim consecutivamente.

A docente identificada como P1 é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) desde o ano de 2016 e, atualmente, faz pós-graduação em Educação Infantil. A mesma já trabalha há 16 anos na Educação Infantil e no presente momento atua em uma creche-escola privada, no infantil III.

A professora P2 é formada em Pedagogia, também pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú, tendo concluído o curso em 2013. Ela havia iniciado uma pós-graduação em neurociência aplicada à educação, entretanto, devido à pandemia, teve que trancar o curso de especialização. Já atua há 14 anos na Educação Infantil e, atualmente, leciona no infantil III, em um colégio da rede privada.

A docente P3 é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) desde o ano de 2020. No momento ainda não cursou nenhuma pós-graduação, mas tem interesse em realizar uma futuramente em Educação Infantil ou em Neurodesenvolvimento. Ela possui pouco tempo de experiência na Educação Infantil, completando um ano de docência no presente ano. A princípio, atua no infantil I, em um CEI (Centro de Educação Infantil) da rede pública.

A professora P4 é formada em Licenciatura em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú, concluído em 2006, e também formou-se em Pedagogia pela Universidade Paulista, desde 2015. Além disso, também possui especialização em psicopedagogia clínica e institucional e, atualmente, está cursando uma pós-graduação em Educação Infantil aplicada à alfabetização. Já trabalha há dezessete anos na Educação Infantil, e está atuando no infantil II, em uma creche da rede pública.

Vale salientar que o perfil das professoras constituintes da amostra foi caracterizado a partir da análise feita na primeira parte do roteiro da entrevista que se destinava à formação e ao tempo de docência das professoras.

5.4 Procedimento da pesquisa

A entrevista foi realizada através da plataforma *Google Meet*, em dias diferentes com base na disponibilidade de cada professora. As entrevistas duraram entre 45 min e 1h30min. Cada entrevista foi gravada a partir da permissão das professoras, servindo como

meio para auxiliar na transcrição das respostas após seu término.

Optou-se em realizar as entrevistas pela plataforma *Google Meet* por ser mais cômodo e viável para as professoras, tendo em vista que todas só estariam disponíveis ao chegar em suas residências após o término do expediente de trabalho.

Após a transcrição foi realizada uma análise comparativa das respostas das professoras, buscando identificar elementos comuns em suas falas. Embora tenhamos feito onze perguntas, selecionamos nove questões para análise. As duas questões não entraram como material de análise, uma vez que traziam informações já contempladas nas respostas das questões anteriores, sendo, por este motivo, desconsideradas a sétima e a oitava.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Liberte o potencial da criança e você transformará o mundo”. (Maria Montessori)

Esse capítulo faz uma análise dos dados coletados a partir da realização de uma entrevista semiestruturada com quatro professoras atuantes na Educação Infantil. Os achados das entrevistas serão esmiuçados a partir do aporte teórico discutido nos capítulos anteriores. Para o estudo desses dados, então, optou-se em apresentar algumas perguntas contidas na segunda parte do roteiro de entrevista, as quais estão relacionadas diretamente a questões que tratam da temática em pauta, auxiliando na realização de uma investigação comparativa das respostas das professoras, à luz do referencial teórico do respectivo trabalho.

Na primeira pergunta, buscamos saber se todas as professoras já acompanharam e/ou conduziram algum processo de adaptação na Educação Infantil. Todas as professoras disseram que sim, que já acompanharam/conduziram este processo.

A P1 (2022) complementa informando que “desde quando a gente começa/entra no mundo da Educação Infantil, a gente começa a questão da adaptação e como eu trabalho numa creche sempre quando tem o início de ano, sempre é mais voltado para essa questão da adaptação”. Assim, Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins (2011, p. 51) apontam que “na creche ou pré-escola, os principais períodos de adaptação da criança, da família e do educador ocorrem quando a criança entra na creche, quando muda de turma e quando ela sai da instituição”.

Outrossim, a P1 (2022) descreve que nesse processo tem a presença do “choro, tem a insegurança de ambas as partes, tanto dos pais, como das crianças”. Conforme Corrêa e Mota (2022), o processo de adaptação é um momento extremamente sensível que requer

atenção, paciência e cuidados especiais, uma vez que é um período repleto de transições com vários acontecimentos de enfrentamento e amadurecimento do novo, tanto para as crianças, como para os pais e professores.

A segunda pergunta se dispôs a saber se as professoras consideravam a atuação docente importante nesse processo de adaptação da criança e o porquê.

Mediante a coleta de dados percebeu-se que as professoras definiram como essencial, necessária e de extrema importância a atuação do docente nesse processo. A P1, P3 e P4 ressaltam que nesse período de adaptação é tudo muito novo para a criança, é tudo desconhecido, os materiais, as experiências, o ambiente, as pessoas. Nessa perspectiva, Silva, Paiva e Rodrigues (2016) evidenciam que quando a criança sai da sua zona de conforto, ou seja, do seu ambiente familiar, a mesma começa a sentir um sentimento de ansiedade, que por vezes pode gerar agressividade, sofrimento dentre outras reações na criança.

A P1 (2022) destaca que é de suma importância que o professor proporcione que a criança se sinta confortável nesse novo ambiente. Ela resalta que “o professor ele é a abertura, ele é o que vai, como eu posso dizer, ele vai ter o papel fundamental, porque ele vai adquirir a confiança tanto da criança como dos pais” (P1, 2022). A respeito disso, Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins (2011, p. 53) informam que:

Durante a adaptação, a educadora vai auxiliando a criança a familiarizar-se com os novos horários de sono, alimentação e banho, buscando um equilíbrio dos seus hábitos e costumes, aproximando-os gradualmente até acomodá-los a rotina da creche. Esse processo será facilitado se a criança puder sentir tranquilidade e segurança na decisão dos pais de colocá-la na creche e na relação deles com a educadora.

A P1, P2 e P4 consideram que é preciso que a docente mostre segurança nesse processo, buscando conquistar a criança e os pais para que dessa maneira possa ir construindo vínculos com ambos e tenha maior chances de proporcionar à criança uma boa adaptação.

De acordo com Ladwig e Silva (2018), para facilitar o processo de adaptação é essencial que o professor acolha, com afetividade e delicadeza, tanto a criança como a família, procurando apresentar os variados espaços da instituição educativa, assim como comunicar sobre algumas vivências realizadas ao longo da sua prática docente para que, dessa forma, estes conheçam e confiem na instituição, se fazendo parceiros nesse processo. Afinal, “o vínculo de confiança que se estabelece entre escola e família auxilia a criança a sentir-se segura e diminui suas angústias e medos” (LADWIG; SILVA, 2018, p. 2).

A P1 e a P4 alertam, por sua vez, que se a professora transmitir medo, não for firme em sua comunicação com os pais e com as crianças, isto é, se não passar segurança a

ambos, conseqüentemente vai se estender mais a questão da adaptação na criança e esta não terá uma adaptação tão prazerosa.

Reda e Ujiie (2009, p. 10086-10087) afirmam que “o professor é o principal mediador e tem que atender as expectativas dos pais, ganhar a confiança das crianças e de seus familiares e ainda conduzir esse processo, [...] e é necessário sempre ampliar e capacitar os seus conhecimentos”. Em complemento, a P4 explica que:

Tem algumas crianças que tem um processo muito leve, tem um processo muito rápido, tem um processo com menos dificuldade, outras crianças não. Então tem algumas crianças que se adaptam bem e outras não, e para que isso seja feito de forma leve, de forma cuidadosa, é necessário que o profissional seja um profissional realmente que saiba desse processo, que tenha experiência nesse processo, que tenha conhecimento desse processo, tanto teórico e principalmente na prática (P4, 2022).

Santos e Mendonça (2019) salientam que quanto mais o professor conhecer sobre o desenvolvimento infantil e sobre a maneira apropriada de desencadeá-lo, consideravelmente mais eficaz será o trabalho educativo realizado, uma vez que o docente tende a ser o mediador do novo mundo que a criança começa a vivenciar ao ingressar na etapa de Educação Infantil. Somado a isso, a P2 e a P4 ressaltam que durante esse período é essencial que as professoras contem com uma rede de apoio, uma equipe que possa servir de suporte para elas, uma vez que esse processo requer muita atenção e, por vezes, é um momento muito difícil para a criança. A partir disso, a P2 também esclarece que:

Então ter uma rede de apoio acho que também é importante, mas de fato é muito, muito importante ter calma nesse processo para que seja feito com sustentação para o resto do ano, que seja um processo que te dê suporte e tranquilidade para o restante do ano, tanto diante das famílias, quanto para com os alunos mesmo (P2, 2022).

Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins (2011), consideram que durante esse processo de adaptação todos os envolvidos ficam mais sensíveis, o que acaba facilitando ou dificultando as relações entre as pessoas nesse período. Nessa perspectiva, facilita, visto que os sujeitos ficam mais flexíveis e mais abertos para escutar o outro, entretanto dificulta, uma vez que essa sensibilidade, por vezes, gera um sentimento de ansiedade e nervosismo intensos, colaborando para que um fato insignificante ou mal-entendido seja o propulsor em desfazer as ideias e as relações já construídas (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2011).

Os respectivos autores consideram que “Por esse motivo, é importante ter na equipe pessoas disponíveis para ouvir um desabafo, conversar, orientar, dar apoio àqueles que

estiverem precisando, seja uma criança, uma pessoa da família ou um educador” (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2011, p. 52).

É nesse sentido que a P3 (2022) destaca a necessidade do professor ter um cuidado específico nesse período de adaptação, buscando primeiramente fazer com que a criança se sinta acolhida ao novo ambiente, depois proporcionando interações de qualidade a ela, dado que considera-se que esse também é um aspecto muito importante durante o processo educativo de adaptação. Nessa lógica, Bujes (2001) salienta:

[...] a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação (BUJES, 2001, p. 21).

Rapoport e Piccinini (2001) complementam ressaltando que a qualidade no atendimento é um aspecto essencial no processo de adaptação, uma vez que interage diretamente com os outros fatores desse processo e constitui-se em um significativo elemento mediador da adaptação da criança durante esse período.

A terceira pergunta se volta para a presença da família, ou seja, se as professoras consideravam a presença da família importante durante o processo de adaptação e o porquê. Por meio da análise realizada das respostas das professoras, todas responderam que é muito importante a presença da família, bem como a parceria que se estabelece entre o docente e ela. A partir disso, Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins (2011) afirmam que durante esse período, a presença de um dos familiares é primordial para a criança, uma vez que este irá transmitir segurança e dará apoio para que a mesma explore e conheça o novo espaço.

Outrossim, de acordo com Rossetti-Ferreira; Vitoria; Goulardins, (2011, p. 53), “o fato de ter uma pessoa familiar junto à criança na creche, nesse período inicial, possibilita à família conhecer melhor o local e o educador com quem a criança vai ficar. Geralmente, isso faz com que todos adquiram maior segurança”.

A P2 (2022) considera que “a família é o porto seguro daquela criança, e acaba sendo o elo entre o educador e a criança, principalmente nesse início”. Assim, Reda e Ujjié (2009) salientam que é viável que a instituição educativa mantenha um vínculo de parceria com os pais, bem como que estes encontrem-se disponíveis e presentes durante o processo de adaptação da criança proporcionando, desse modo, um fortalecimento da relação da criança com o professor. A P3 complementa dizendo que:

Sem dúvida a parceria com a família é muito importante principalmente para que a família compreenda aspectos com relação a rotina, entenda que a criança necessita de uma rotina, que ali ela está se desprendendo um pouco da família e vai passar por um processo de socialização totalmente novo de interação com outras crianças da mesma faixa etária, de faixa etárias diferentes, com adultos, com pessoas diferentes (P3, 2022).

Nesse mesmo sentido, a professora P2 (2022) faz uma comparação desse vínculo entre professor e família dizendo: “É uma parceria. Eu disse esse ano às minhas famílias que é um casamento de um ano, pelo menos, mas é um casamento, então a gente tem que dá tudo de si, dos dois lados, porque se não, não funciona”. Dessa forma, a P1 (2022) acrescenta validando o aspecto que os pais estejam presentes nesse processo de adaptação, para conhecer a professora, conhecer o espaço que a criança irá conviver, bem como para que se sintam seguros e confiantes para que assim transpareçam isso para os filhos, para que estes se sintam bem em ir e estar na instituição educativa.

A P1 (2022) estipula que pelo menos uma semana seria o ideal para que os pais conhecessem e estivessem presentes na instituição educativa durante o período de adaptação. Dessa maneira, Ortiz (2000) também considera que uma semana seria o necessário para que um familiar se mantivesse junto à criança no ambiente da educação infantil, tendo em vista que o seu tempo iria sendo gradativamente reduzido, conforme fosse aumentado o tempo da criança na instituição educacional.

A P1, P2 e P4 apontam que esse processo de adaptação também é novo para os pais, e muitas vezes eles acabam transmitindo seus sentimentos à criança, como medo, desconfiança, insegurança, ansiedade. Desse modo, Rossetti-Ferreira, Vitoria e Gourlardins (2011) destacam que a família também sofre durante esse período de adaptação, tendo em vista que esse processo não somente muda a rotina da família, como também a maneira de perceber a educação e o cuidado para com a criança. Assim, a P1 (2022) considera que “é importante que a família seja presente, mas que ela venha também passar a segurança para a criança, porque se você vê uma mãe, vê uma tia, e você não confia na escola, não confia na professora, a criança vai sentir totalmente”.

A P4 (2022) também salienta que “não é a criança que vem totalmente insegura, porque a criança quando começa a descobrir os ambientes, os materiais, os coleguinhas, eles interagem, e interagem muito bem, a questão é a insegurança dos pais, principalmente da mãe”. A P4 (2022) informa que, por vezes, percebe uma satisfação natural materna provinda das mães ao ver a criança chorando e chamando “mãe, mãe, mãe”, uma vez que a criança faz

questão de estar com a mãe, de estar sob os cuidados maternos. Nesse contexto, Rizzo (1992, p. 312) aponta que,

As dificuldades dessa passagem estão diretamente relacionadas às relações afetivas entre criança e mãe e todos os fatos que as determinaram. As crianças que tiveram a sorte de possuir uma mãe segura, carinhosa e não castradora têm sempre melhores condições, chances, de enfrentar um ambiente novo sozinhas. [...] A mãe insegura, carente afetivamente e que precisa da criança para realizar-se emocionalmente tolhe todo processo de crescimento para liberdade, castra o filho e prolonga sua dependência indefinitivamente.

Nessa lógica, a P4 (2022) orienta que quando as mães chegarem no CEI, visto que são elas que mais vão deixar as crianças na instituição educativa, é preciso que procurem não trazer/acolher a criança no colo, no braço, pois isso acaba tornando o processo de adaptação mais difícil. A referida docente até utiliza a metáfora do ninho em comparação a esse contexto ao falar com as mães, dizendo: “olha, qual é a criança, qual é o bebê, que vai querer sair do seu ninho, do seu colo para uma pessoa estranha e para um ambiente estranho? Nenhuma criança, então a sua não é diferente, se a senhora fizer isso, vai tornar a situação mais difícil para ela e também para mim” (P4, 2022).

A P4 informa para que os pais “venham com a criança pegando na mão, conversando, andando, mostrando, deixe que ela venha descobrir os espaços, os ambientes” (P4, 2022). Dessa maneira, a P4 (2022) evidencia que quando os pais trazem as crianças pela mão, andando, conversando com estas, as crianças costumam se adaptar muito mais rápido e de forma mais tranquila se comparado com aquelas que ainda vêm carregadas no braço.

A P1, P2 e P4 destacam que é primordial que os pais se sintam seguros, tranquilos e confiantes nesse processo, para que assim seus filhos possam se sentir também. Nesse ínterim, a P2 (2022) enfatiza que quando “a família está segura que aquele ambiente é um lugar bacana para o seu filho percebe-se que o elo entre a criança e o educador se fortalece mais rápido”. Sendo assim, a P4 considera que:

Para eu conhecer a criança eu preciso muito conhecer a família. Então eu sempre converso sobre tudo desde o que a criança come, como ela dorme, como ela se comporta em casa. Se ela é uma criança tranquila, se ela dormiu ontem bem, porque tudo isso influencia no comportamento da criança em sala de aula (P4, 2022).

Nesse sentido, a P4 comenta, ainda, que quando as mães têm um primeiro contato com as professoras, geralmente elas ocultam bastantes aspectos do comportamento da criança, “ainda há muito aquela coisa de um diálogo mais pé atrás, mais fechado, mais nas entrelinhas”

(P4, 2022). Entretanto, a referida docente observa que à medida que se vai mantendo um diálogo constante com as mães, estas vão entendendo que “a gente quer o melhor para a criança” (P4, 2022). Dessa maneira, com o tempo, as mães iniciam uma comunicação mais aberta com as docentes. Bassedas, Huguet e Solé (1999) destacam que, em especial na Educação Infantil, é primordial que haja “uma boa comunicação entre a escola e a família para facilitar a adaptação das crianças aos novos contextos e, em consequência, às novas demandas, exigências e possíveis dificuldades” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 64).

A quarta pergunta busca conhecer o papel da gestão da educação infantil ao longo do período de adaptação da criança. Nessa esfera, todas as professoras responderam que a gestão tem um papel mais de suporte, apoio e de acompanhamento nesse período. A P4 (2022) informa que “a gestão acompanha esse processo de perto desde a questão da acolhida até a saída” e a P1 (2022) complementa dizendo que “a gestão chega realmente com suporte, conseguem dar o suporte para o educador, para a criança e família também, sempre tem uma equipe bem especializada”.

Além disso, a P1 e a P4 reforçam que sempre acontece primeiramente uma conversa da gestão com a família, em que a gestão tenta saber um pouco sobre a criança, procura conscientizar e explicar os pais sobre a importância do processo de adaptação, que esse processo a criança vai conhecer de fato o ambiente da educação infantil, busca esclarecer sobre questões referente a rotina, os horários de entrada e saída, bem como informa sobre os profissionais que irão ficar com as crianças. Em complemento, a P1 salienta que:

A gestão faz uma anamnese primeiro, conversa com os pais, e fala que é importante eles respeitarem esse período da adaptação, entrando no período e saindo meio período praticamente. E aí quando alguns pais não conseguem, a gestão entra em ação, conversam, explica que não é porque a escola não queira a criança, mas é porque realmente inicialmente esse pequeno tempo é importante para a questão da adaptação e para facilitar realmente que a criança se adapte (P1, 2022).

Ladwig e Silva (2018) destacam que essa entrevista realizada com as famílias antes de iniciar o período de adaptação também é fundamental para que os pais informem suas dúvidas e compartilhem seus receios e medos, além de que esse procedimento favorece para que o professor elabore vivências e experiências mediante a realidade e interesse das crianças e famílias que irá conhecer.

Posteriormente, procurando alcançar um dos objetivos primordiais da pesquisa, tratou-se de perguntar, na quinta questão, sobre as estratégias pedagógicas que as professoras

mais utilizavam durante o processo de adaptação. Percebeu-se que todas utilizam estratégias parecidas, a diferença é que cada uma se aprofunda mais em um aspecto do que em outro.

Diante disso, podemos salientar que as estratégias mais comuns utilizadas pelas professoras nesse processo de adaptação da criança são: brincadeiras, a questão da afetividade, acolhida, movimento, musicalização e contação de história.

A P1 (2022) considera que a afetividade é algo primordial nesse processo. Ela destaca que procura sempre tratar as crianças bem, não só as crianças, mas também a família, almejando desenvolver a confiança de ambos, bem como esclarecendo alguns pontos e sendo bem honesta com os pais sobre tudo que acontece na rotina da educação infantil, mantendo uma comunicação frequente com estes para que possam adquirir confiança em seu trabalho e na instituição educativa. Além disso, se atenta também em saber sobre o que as crianças gostam, para trazer um pouco das vivências delas em casa para a educação infantil, fazendo com que se sintam felizes, contentes e seguras no espaço. Nesse viés, a P1 enfatiza:

Então a gente procura, como tem uma anamnese, ver um pouquinho do que a criança já costuma brincar, costuma fazer na rotina, e a gente traz o plano mais voltado mesmo para essa questão, mas o principal é a questão da afetividade. É que a gente consegue com a afetividade desenvolver tudo (P1, 2022).

Segundo Silva, Paiva e Rodrigues (2016, p. 2108) “a afetividade entre os educadores e os alunos é primordial para uma adaptação bem-sucedida. Se o educador tiver afetividade e envolvimento com a criança nessa fase, a interação entre ambos é facilitada, proporcionando menos sofrimento”. Em meio a isso, é importante considerar que a afetividade tem uma ação extremamente importante no processo de adaptação da criança. Além disso, a P1 também destaca que utiliza ao longo da adaptação musicalização, contação de histórias e brincadeiras.

Em seguida, analisa-se que a P2 (2022) costuma usar bastante brincadeiras no processo de adaptação, sendo seu enfoque o movimento. Dessa maneira, esta acredita que a brincadeira une de verdade, ou seja, proporciona que as crianças se socializem e interajam com as pessoas ao seu redor. Ademais, ela ainda ressalta:

Então a gente brinca em todo canto, no parque, a gente brinca na sala, a gente vai brincar nos jardins, a gente vai brincar, eu trabalho em uma escola católica, então a gente vai conhecer a capela, a gente vai passear na biblioteca, a gente fica o menos possível dentro da sala de referência. A estratégia é estar em movimento. O movimento é a estratégia. Seja cantando, dançando, brincando, é brinquedo, explorar bastante o espaço que eles vão conviver, que eles vão estar durante o restante do ano (P2, 2022).

Por meio da brincadeira, a criança é instigada a interagir com outros sujeitos, a expressar e comunicar suas percepções, a desenvolver sua autonomia, inteligência, independência e senso de companheirismo. A brincadeira também facilita para que a criança compreenda regras e amadureça socialmente (NILES; SOCHA, 2014). Nesse sentido, Niles e Socha (2014, p. 89) apontam que o “brincar é meio de expressão, é forma de integrar-se ao ambiente que nos cerca”.

No tocante à P2 (2022), notou-se que a mesma prioriza o movimento nesse período de adaptação por meio das brincadeiras, dos passeios que realiza com as crianças dentro da instituição educacional, no parque. A P2 ainda possibilita que as crianças explorem os materiais presentes na sala para que possam ir conhecendo, se apropriando dos objetos, sentindo dessa maneira que fazem parte do espaço educativo.

A P3 (2022), nesse sentido, se baseia em estratégias que estejam relacionadas à parte sensorial, de experimentações. Esta inclusive cita o banho de mangueira como uma das estratégias eficazes para esse período, bem como outras interações que, assim como a P2 salientou, faça uso do movimento. Logo, a P3 destaca que,

Atividades como banho de mangueira são muito importantes, pois a água tem um efeito calmante nas crianças, então ela é comum principalmente no período inicial de adaptação, mas temos outras intervenções, como: passeios no jardim, passeio pelo próprio CEI, atividades de minicircuito motor onde a gente organiza experiências com colchonetes, bambolês, fitas, ajudando as crianças, por exemplo, as crianças têm que andar sobre a fita, a gente vai lá e auxilia, pega na mão, "olha vamos fazer aqui", "dá dois pulos", "passa por dentro do bambolê". Então atividades com bastante movimentação, experimentação, tocar objetos diferentes, com texturas diferentes, intervenção com água, gelatina, música também (P3, 2022).

Além disso, a referida professora diz que canta bastante para as crianças, que constantemente coloca na rotina músicas para as crianças escutarem, sendo cantigas de roda, dentre outras músicas. Nessa perspectiva, Oliveira *et al.* (1996) considera que cantigas ritmadas com o uso de gesticulação é um elemento potencial de integração afetiva entre crianças e adultos, devendo ser trabalhadas cotidianamente com as crianças no espaço educativo. A P3 (2022) também salienta que busca trabalhar as emoções das crianças nesse processo de adaptação, assim como faz uso também de contação de histórias e brincadeiras nesse período.

A P4 (2022) busca organizar de maneira atrativa e cativante o ambiente da sala de referência. A mesma explica que dentro da sua sala tem: o ambiente da beleza, dos carrinhos,

da cozinha, da leitura, das bonecas, dos jogos de montar, das formas geométricas, ou seja, tem vários ambientes que as crianças podem escolher brincar de acordo com a sua subjetividade. Dessa maneira, a P4 diz que deixa tudo ao alcance da criança para que esta possa pegar, manusear, tocar, oportunizando assim um bem-estar da mesma nesse novo espaço. Nesse contexto, Rizzo (1992) pondera:

A organização da sala-ambiente requer duas preocupações fundamentais. A primeira de constituir-se em ambiente atraente, agradável, estimulador da curiosidade exploratória, característica da criança. A segunda, de estar de tal forma organizada, que possibilite à criança aprender a “usá-la” facilmente para que se sinta segura dentro dela. Por esse motivo, a introdução das atividades deve ser dosada de tal forma que permita atrair a curiosidade da criança pelo material novo, mas estas não devem ser apresentadas em número muito grande, de cada vez, para não confundi-la ou embaraçá-la no seu uso (RIZZO, 1992, p. 314).

A P4 (2022) também utiliza como estratégia, nesse processo, o objeto transicional, ou seja, a mesma solicita aos pais que a criança traga algum brinquedo pequeno, fralda, pano, chupeta, enfim, algo que a criança goste muito para ficar com este objeto durante esse período de adaptação, uma vez que irá remeter à lembrança de sua casa e, assim, gerará segurança e conforto. Nesse sentido, Balaban (1988) e Ortiz (2000) afirmam que de fato esse objeto transicional proporciona um bem-estar na criança, é como se esta trouxesse um pedacinho da sua casa para o ambiente educativo, ambiente este que até então ainda não é familiar para a criança durante o processo de adaptação. Nesse pressuposto, a P4 também salienta que:

Também uso brincadeiras, roda de história no processo de adaptação. A criança aprende mediante as experiências que o mediador faz, que o mediador possibilita, que o mediador traz para ela fazer naquele momento. Tem a musicalização com os gestos, com as orientações, os comandos da música. Também procuro fazer uma boa acolhida (P4, 2022).

A P4 (2022) destaca, também, que durante esse período conversa com os pais deixando-os cientes de toda a realidade da sala, dos objetos pessoais da criança, bem como preza em ter uma comunicação contínua com as famílias informando para os pais como está sendo o processo de adaptação. Outrossim, a P4 (2022) salienta que também procura conversar com a criança, e considera que a escuta, a observação e o diálogo são aspectos que a deixam cientes da realidade da mesma, uma vez que a possibilita identificar como a criança está reagindo a esse período de adaptação. Sendo assim, Ladwig, Goi e Souza (2013), salientam que:

[...] a forma de receber a criança, de tocar, beijar, conversar são pequenos gestos que demonstram que ela é bem vinda à escola e, assim, iniciam-se os vínculos de confiança e afetividade com a criança e com a família que serão importantes para o desenvolvimento de outras capacidades (afetivas, motoras e cognitivas) e para formação da personalidade da criança (LADWIG; GOI; SOUZA, 2013, p. 1).

Vale ressaltar que, durante a entrevista, houve a necessidade de elaborar a próxima pergunta, esta se tornando a sexta questão, visando entender melhor como acontecia esse processo de adaptação. Dessa forma, foi questionado às professoras se elas recebiam todas as crianças no mesmo horário ou se era em horários diferentes, isto é, como de fato funcionava esse início da adaptação.

A P1 (2022) explicou que na instituição onde trabalha “as crianças novatas entram na escola uma semana antes dos veteranos”. Nesse processo, ela relatou que muitas vezes a sala não é constituída apenas de novatos, sendo que geralmente tem quatro, três crianças que estão iniciando a vida escolar naquele momento. A partir disso, ela explica que as professoras vão uma semana antes do início das aulas dos veteranos para receber os novatos, focando justamente nesse processo de adaptação. Sendo assim, a P1 informa:

A gente se prontifica com essas crianças para a questão mesmo de adaptação, para quando as outras crianças voltarem, as veteranas, não que elas não irão ter uma adaptação também, porque é outro professor e tudo, mas como elas já se sentem seguras no espaço escolar, é mais tranquilo a questão da adaptação delas, e aí a gente realmente costuma receber todos no mesmo horário passado essa uma semana com os novatos (P1, 2022).

Ademais, a P1 (2022) informa, ainda, que quando há a presença de cinco ou seis crianças novatas, geralmente ficam três profissionais na sala de referência para dar apoio. Nesse sentido, ela esclarece que é tranquilo, apesar do choro das crianças, que é bastante recorrente nesse processo. Silva, Paiva e Rodrigues (2016) informam que o choro durante o processo de adaptação é provocado pela angústia que a criança sente por estar em um ambiente que não lhe é comum, uma vez que além do choro outros sentimentos são recorrentes, como: medo, raiva, estranhamento e sensação de abandono.

A P2 (2022) relata que na instituição educativa onde atualmente trabalha a adaptação é feita de forma segmentada, ou seja, recebe-se um número reduzido de crianças, em pequenos grupos na primeira semana. Assim, um grupo fica até o horário do lanche e o outro grupo chega depois do lanche, e depois é invertido, os que ficavam até a hora do lanche vem depois e vice-versa. Cada encontro com cada grupo tem a duração de duas horas e esse tempo vai sendo ampliado aos poucos durante a semana para que na semana seguinte se una os grupos. Em meio a esse formato de adaptação, a P2 esclarece que:

Vou ter condição de atender as demandas da grande maioria, senão todos, porque o grupo está reduzido e isso é uma decisão da gestão. É a escola, é a gestão que decide "esse vai ser o método que a gente vai usar para melhor adaptar as crianças". Já trabalhei em outras escolas que a adaptação era assim: "vem todo mundo, quem precisar de apoio a gente liga para a família vir buscar mais cedo, ou a família fica na escola" e aí isso causa um tumulto, e não só um tumulto entre as crianças, mas para a gente. A gente acaba ficando mais sobrecarregada, mais tensa, e acaba não aproveitando tanto. E em outra escola que eu trabalhava, um dia antes vinha os novatos, no dia seguinte vinha todo mundo (P2, 2022).

A partir disso, a P2 (2022) considera importante receber as crianças dessa forma segmentada, uma vez que terá mais tempo para criar os laços necessários com a criança, bem como adquirir a confiança dela. A referida professora diz que assim se tem um melhor aproveitamento e uma atenção de maior qualidade por parte das professoras para com as crianças, resultando no fortalecimento dos vínculos e, conseqüentemente, no processo adaptativo.

Ortiz (2000) aponta que quando a inserção das crianças acontece por meio de subgrupos no processo de adaptação, as professoras conseguem ter uma maior atenção a cada criança e a seu respectivo familiar/responsável. Nesse viés, Felipe (2001, p. 32-33) destaca que "Deve-se fazer um planejamento de ingresso na instituição, através de um calendário a ser combinado com as educadoras e a família, de forma que não haja numa mesma turma muitas crianças ao mesmo tempo (no mesmo período) em fase de adaptação".

A P3 (2022) ressalta que na instituição educacional que atua todas as crianças chegam no mesmo horário. Assim, inicialmente as crianças chegam às sete e vão embora às nove da manhã, e gradativamente a P3 vai realizando o processo de adaptação, selecionando aquelas que estão mais aptas a ficar até onze e assim por diante.

Primeiramente eles ficam até nove horas, aí depois a gente vai ver quem são os mais aptos a ficar até onze e a gente vai adaptando devagar. Primeiro adapta um ou dois que a gente ver que dá certo ficar até onze, aí depois quando esses já estiverem adaptados, um ou dois, aí a gente passa para o próximo. É algo que é bem gradativo, é algo que é específico, tudo a gente tem que respeitar a criança, o ritmo, o desejo da criança. Se ela realmente não se adaptar, mas comumente acontece é essa adaptação gradativa. Ela pode acontecer durante todo o ano (P3, 2022).

De fato, é importante considerar que todas as professoras em suas falas ressaltaram que há crianças que demoram muito a se adaptar ao ambiente da educação infantil, umas demoram semanas, outras meses e algumas o ano inteiro. Dessa forma, Rapoport e Piccinini (2001) destacam que é preciso que a instituição e a família entendam e respeitem que cada

criança reage de uma forma ao longo desse processo, e que cada uma tem seu próprio ritmo para se habituar a esse novo espaço, sendo impossível determinar um tempo exato de adaptação.

A P4 (2022) informou que, na instituição na qual trabalha, o processo de adaptação ocorre recebendo todas as crianças de uma única vez, tal como no caso da P3. Porém, após visitar outros CEI, visualizou que alguns tinham uma proposta diferente para esse período, recebendo assim as crianças por grupo, igual como era no formato de adaptação da instituição em que a P2 trabalha. Dessa maneira, a P4 achou muito mais produtivo essa forma de adaptação e sugeriu para a coordenadora do CEI a qual trabalha, sendo que esta logo aderiu à proposta.

Então assim, eu conversei com a coordenadora no início desse ano para a gente fazer duas turminhas, mas não é nenhuma novidade não, é coisas que a gente também vê nos outros CEI e a gente acaba copiando, porque iam todos de uma vez e não tinha condições da gente acolher todas aquelas crianças e na verdade ia uma semana os pais com as crianças, ficavam lá na sala. Então assim, agora não, diminuiu mais esse tempo dos pais com as crianças em sala e a gente faz em dois grupinhos. São vinte crianças, ficam dez de sete até nove horas e as outras dez de nove até às onze horas. E aí depois a gente vai aumentando a hora de forma bem gradativa para a criança nem perceber, então a criança depois fica até dez, onze. Então é uma adaptação no início com dois grupos, depois fica a turma toda até onze horas e aí a gente vai vendo aquelas crianças que já dá para ficar o dia todo, a gente seleciona e as outras vão para casa até ficar nesse ritmozinho também de ficar o dia todo (P4, 2022).

Com isso, podemos perceber que a P4 tem uma dinâmica similar à da P3, tendo em vista que há uma escolha das crianças que se mostram mais propensas a ficar mais tempo na instituição de educação infantil durante esse processo de adaptação. A P4 (2022) ressalta que toda adaptação gira em torno da criança, isto é, deve ser o enfoque de tudo que será planejado para esse período.

A referida docente informa, ainda, que na instituição onde trabalha também foi observado que não era necessário muitos pais ficarem com as crianças até uma semana acompanhando a rotina da educação infantil, tendo em vista que algumas crianças se adaptam mais rápido a esse processo. Além disso, ela salienta que alguns pais chegavam até atrapalhar esse processo devido à insegurança que tinham e que acabavam passando para a criança, deixando-as ainda mais confusas e inseguras.

Dessa forma, a P4 (2022) reforça, incisivamente, o quanto é importante que os pais se ajudem nesse momento, que busquem conhecer a instituição educativa, passem a confiar nos profissionais que irão ficar com os seus filhos, para que assim possam repassar essa segurança para a criança e, dessa maneira, proporcionar um processo de adaptação o

menos doloroso possível.

Por intermédio das falas das professoras, pôde-se observar que cada instituição tem o seu modo de organizar o processo de adaptação à instituição educacional. Reda e Ujiie (2009, p. 10086) afirmam que “cada instituição de Educação Infantil deve planejar-se para esse processo de adaptação de acordo com as concepções de educação e de criança que direcionam sua prática”, visto que cada escola possui realidades diferentes.

Na nona pergunta, buscou-se saber se as professoras consideravam se o planejamento para o período de adaptação das crianças era determinante para o sucesso desse momento. Todas as professoras consideraram que sim. As quatro professoras salientam que o planejamento é como se fosse um norteador durante esse processo, sendo essencial sua elaboração.

A P1, P2 e P4 esclarecem que nem sempre é possível executar tudo que está no plano, mas é importante que se tenha, a princípio, ao menos um norte do que se pretende trabalhar em sala com as crianças no processo de adaptação. A P1 e a P2 salientam, inclusive, que é super necessário ter “cartas na manga”, ou seja, ter mais de uma ideia para trabalhar com as crianças nesse momento, posto que as docentes ainda não conhecem a criança, não conhecem totalmente seus medos, seus gostos, suas singularidades. Dessa forma, as duas professoras exemplificam:

Eu posso imaginar que a criança seja isso e quando a criança vier para questão da adaptação ela pode digamos, eu tenha feito uma brincadeira de bexigas, vamos encher balões e vamos fazer brincadeiras e aí quando a criança chega percebo que ela tem medo dos balões, eu já não vou poder fazer essa brincadeira com ela, porque tem algumas crianças que tem medo do balão. Eu vou ter que fazer outra brincadeira. Então o plano ele é um norteador, é fundamental sim para a questão da adaptação, mas que a gente tenha diversas propostas, não uma só (P1, 2022).

Eu não conheço aquela criança, aquele grupo de criança que está chegando para mim, mas eu estudo educação infantil, eu trabalho/vivo educação infantil então a gente sabe que tem algumas coisas que agradam mais essa faixa etária, então são essas coisas que a gente vai inserindo primeiro no planejamento, brincadeira, explorar os espaços, e aí com a adaptação sendo feita de grupos menores eu consigo ir conversando com aquelas crianças e nisso trazendo o tal do protagonismo deles para a cena, que antes eu não conhecia eles, como é que eu iria fazer uma coisa baseada no protagonismo deles se eu não conheço aquele grupo, impossível. Então o planejamento é sim superimportante, ele faz com que a gente não fique parecendo barata tonta, tipo: "o que é que eu vou fazer agora?" (P2, 2022).

Vemos como o planejamento é instrumento essencial para as professoras e muitas vezes é determinante para o sucesso na adaptação, principalmente quando se tem mais de uma proposta para desenvolver com as crianças, visando sempre seu bem-estar. Acerca disso, a P2

(2022) enfatiza que faz o seu planejamento baseado nas experiências anteriores que teve ao longo da sua prática docente, principalmente quando este planejamento se destina ao período de adaptação, que ocorre muitas vezes no início do ano. Ladwig e Silva (2018, p. 8) destacam que:

É de suma importância também um planejamento de estratégias e vivências que contemplam os anseios, curiosidades e as necessidades das crianças descritas pelos pais na entrevista e das observações e do diálogo que vai tendo com as crianças para facilitar este processo. Organizar um horário reduzido, o espaço físico pensando em dispor de materiais diversos e que estejam acessíveis às crianças para que estas possam se envolver com curiosidade e interesse e para que este tempo que ela passa na escola seja agradável e a criança queira retornar no dia seguinte à escola.

A P4 (2022) complementa informando que é preciso que o professor tenha intencionalidade no seu planejamento, seja em uma brincadeira, em um material que será oferecido à criança, é necessário que se tenha uma mediação. Nesse sentido, a P4 (2022) aponta que “mesmo no período de adaptação, você precisa ter algo planejado, o que você vai fazer, você vai fazer com intencionalidade, porque se você não fizer com intencionalidade tudo fica sem direcionamento, você não tem uma direção naquela proposta”. Além disso, a mesma salienta que assim como é fundamental que o planejamento tenha intencionalidade, é preciso que seja flexível, visto que “às vezes você faz um planejamento e nem acontece, acontece o que a criança quer naquele momento, então também é importante que o planejamento seja flexível” (P4, 2022).

Na décima pergunta, foi solicitado que as professoras dissessem mediante suas concepções e experiências três aspectos que mais favorecem o processo de adaptação da criança. Sendo assim, partindo das respostas das professoras, analisou-se que os aspectos mais ditos foram: a afetividade, o planejamento e a parceria da gestão e da família.

Por fim, na décima primeira pergunta (a última questão da entrevista), objetivou-se saber três aspectos que mais dificultam o processo de adaptação da criança. Os aspectos mais apontados pelas respectivas professoras foram: 1) a insegurança dos pais; 2) a falta de compreensão deles em relação à importância do processo de adaptação para a criança; 3) e a não organização de um ambiente estimulante e acolhedor para a criança.

Por meio das análises apresentadas, tendo como base o comparativo realizado a partir das falas das professoras e do aporte teórico utilizado, pôde-se perceber o quanto a atuação docente e as estratégias pedagógicas são essenciais durante o processo de adaptação da criança, visto que proporcionam maior facilidade na condução desse momento e menos sofrimento à criança que está sendo inserida nesse novo ambiente. Além disso, também

percebeu-se que durante o período de adaptação é primordial a participação da família e da gestão, ambas dando suporte e apoio às professoras e se fazendo presentes na vida das crianças para tornar esse momento o menos doloroso possível.

De acordo com as análises realizadas, também constatou-se que nesse processo de adaptação é necessário que todos construam uma relação de parceria, confiança e respeito para que assim se proporcione uma adaptação tranquila, segura e de qualidade para a criança. Desse modo, vale destacar que é preciso que os profissionais da educação infantil estejam preparados e capacitados para receber as crianças e as famílias, buscando construir vínculos afetivos e de confiança. É preciso, ainda, que o corpo docente planeje e selecione estratégias acolhedoras e cativantes para propiciar o bem-estar da criança nesse novo ambiente a qual passará a frequentar.

Por fim, apurou-se que algumas das estratégias utilizadas pelas professoras durante esse período de adaptação são: as brincadeiras, a afetividade, o acolhimento, o objeto transicional, a musicalização, a contação de histórias, a ludicidade, o olhar atento e a escuta ativa para com a criança, além da preparação e organização da sala de referência, o tempo reduzido inicialmente que a criança fica na instituição, os passeios feitos no ambiente educacional para conhecer os espaços da instituição, bem como a presença dos pais e a comunicação constante com as famílias, informando a estas sobre todo o processo de adaptação e sobre como as crianças estão reagindo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos”. (Manuel de Barros)

A adaptação da criança na Educação Infantil é um processo bastante recorrente nas instituições educacionais. É um momento na vida da criança que várias transições e mudanças acontecem. Dessa forma, ocorre a separação momentânea com os pais, a frequência em um ambiente totalmente desconhecido de sua residência, o contato com diferentes pessoas e crianças, dentre outros acontecimentos. Nesse processo, vários sentimentos e reações são expressas pelo pequeno educando, como: choro, raiva, medo, insegurança, isolamento, ansiedade, estresse, etc.

O respectivo trabalho, pois, se deteve a identificar algumas estratégias pedagógicas usadas pelos docentes na adaptação de crianças da Educação Infantil, considerando as concepções de professoras atuantes nessa etapa da educação que conduzem esse processo durante sua prática pedagógica. Nesse sentido, o instrumento para coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada realizada com quatro professoras, a fim de conhecer suas concepções acerca do processo de adaptação das crianças, a importância da atuação docente e algumas estratégias pedagógicas mais utilizadas pelas mesmas durante esse período. Outras questões também foram explanadas na pesquisa sobre a referida temática, a partir do diálogo estabelecido em meio ao momento da entrevista.

Como principais resultados, constatou-se que o professor tem um papel fundamental no processo de adaptação, tendo em vista que o mesmo será o principal mediador dessa adaptação da criança e terá que construir vínculos afetivos com esta e sua família, transmitindo segurança, confiança e domínio em sua prática docente frente a esse processo. Além disso, o docente se mostra como sendo um facilitador desse momento, tendo em vista que planeja o processo de adaptação, bem como busca estratégias que proporcionem bem-estar à criança, como também a seus familiares, visando amenizar o sofrimento que, por vezes, esse período causa a ambos.

A pesquisa observa que as estratégias mais utilizadas pelas professoras nesse processo de adaptação são: 1) as brincadeiras, 2) a afetividade, 3) o acolhimento, 4) o objeto transicional, 5) a musicalização, 6) a contação de histórias, 7) a ludicidade, 8) o olhar atento e a escuta ativa para com a criança, 9) a preparação e organização da sala de referência, 10) o tempo reduzido que a criança fica na instituição nesse período, 11) os passeios feitos dentro do espaço físico educativo para conhecer os espaços internos da instituição, 12) a presença dos pais e 13) a comunicação constante com as famílias, informando a estas sobre todo o processo de adaptação e como as crianças estão reagindo a este.

A pesquisa conclui que a atuação do docente e as estratégias selecionadas devem considerar a singularidade da criança, seus gostos, seu ritmo e sua realidade. A família também precisa se fazer presente juntamente à criança, pois dará segurança e confiança para ela, permitindo que se criem vínculos com mais facilidade com outros adultos de referência. Para isso, o corpo familiar precisa sentir-se seguro nesse processo, confiando no profissional de educação, para que a criança possa perceber isso.

É fundamental, ainda, que nesse processo a gestão ofereça todo o suporte e apoio aos professores, tendo em vista que esse é um momento delicado em que vários sentimentos estão presentes, tanto por parte da criança, como dos pais e dos docentes. Nesse sentido, deve

ocorrer toda uma preparação para esse período, buscando receber todas as crianças e famílias de forma que o processo de adaptação seja tranquilo, seguro e sem rupturas bruscas na rotina dos pequenos. Dessa forma, também é necessário que se atente ao comportamento das crianças nesse período sem intenção de rotulá-las, procurando constantemente entendê-las e acolhê-las diante desse processo.

Em síntese, é essencial que os professores busquem refletir sobre o processo de adaptação das crianças, bem como façam uso de estratégias bem planejadas para esse período, considerando o que foi repassado à gestão na entrevista com as famílias. Os sentimentos das crianças e suas reações a esse período, buscando diariamente proporcionar uma escuta ativa e um olhar atento às necessidades delas, são, sem dúvidas, aspectos que não podem ser ignorados. Dessa maneira, consideravelmente, se terá um processo exitoso e menos doloroso a todos que estão envolvidos nesse período de adaptação, principalmente a criança que é o principal sujeito desse processo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Elisandra Leite; BARBOZA, Reginaldo José. **A importância da parceria entre a família e a escola para a formação e desenvolvimento do indivíduo.** Revista Científica Eletrônica da Pedagogia, Garça, v. 1, n. 30, p. 1-21, jan. 2018. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lupTy4EkojpUN2D_2018-10-6-10-36-41.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BRAATZ; Ketlin; DALPIAZ, Priscila Caroline. **O acolhimento, inserção e adaptação na Educação.** VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU, out. 2020, Maceió. Anais Eletrônicos. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA11_ID5598_01092020165455.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Subsecretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/** Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: 15 de setembro <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola infantil: pra que te quero?. *In:* CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13-22.

CORRÊA, Biébele Abreu; MOTA, Edimilson Antônio. **O processo de adaptação da criança na Educação Infantil:** a importância do acolhimento. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, abr. 2022. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/12/o-processo-de-adaptacao-da-crianca-na-educacao-infantil-a-importancia-do-acolhimento>>. Acesso em: 19 set. 2022.

FELIPE, Jane. **Problematizando algumas práticas no cotidiano da escola infantil.** In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação infantil: pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 32-36.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Lenira. **A creche em busca de identidade:** perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância:** da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LADWIG, Vânia Kunzler; GOI, Rosalina Elizete Pires; SOUZA, Jânia Loines Gonçalves de. **Adaptação e acolhimento na educação infantil.** XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Maio. 2013. Anais Eletrônicos. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/EDUCACAO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/ADAPTACAO%20E%20ACOLHIMENTO%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL.PDF>>. Acesso em: 19 set. 2022.

LADWIG, Vânia Kunzler; SILVA, Sidmara Pedrosa Blaszk da. **Adaptação:** processo que exige acolhimento e confiança. XVIII Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Maio. 2018. Anais Eletrônicos. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2018/5%20-%20Mostra%20de%20Trabalhos%20de%20Prof.%20da%20rede/Trabalhos%20Completos/ADAPTA%3%87%C3%83O%20PROCESSO%20QUE%20EXIGE%20ACOLHIMENTO%20E%20CONFIAN%3%87A.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 9-29.

NILES, Rubia Paula Jacob; SOCHA, Kátia. **A importância das atividades lúdicas na educação infantil.** Ágora: Revista de divulgação científica, v. 19, n. 1, p. 80-94, 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; FERREIRA Maria Clotilde Rossetti. **Creches:** crianças, faz de conta e cia. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORTIZ, Cisele. **Adaptação e acolhimento:** Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em: <

producao.s3.amazonaws.com/ncmGJtJ5bkXVtrUah4N7Yx2fc3YVbAC8URqHKGQuzcZdpzMHJkhTnfjrMUPQ/acolhida-cisele-ortiz.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil:** mais que a atividade, a criança em foco. Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas, SP: Papirus, 2000.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche:** alguns aspectos críticos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 14, p. 81-95, 2001.

REDA, Maysaa Ghassan; UJIIE, Nájela Tavares. **A educação infantil e o processo de adaptação:** as concepções de educadoras da infância. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. out. 2009. p. 10082 - 10094. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8482677-A-educacao-infantil-e-o-processo-de-adaptacao-as-concepcoes-de-educadoras-da-infancia.html>>. Acesso em: 1 out. 2022.

RIZZO, Gilda. **Educação pré-escolar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITORIA, Telma; GOULARDINS, Liliane Gonçalves. **Quando a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola**. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde [et al.] (org.). *Os fazeres na educação infantil*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 51-55.

SANTOS, Ana Paula Boscariol dos; MENDONÇA, Cristina Nogueira de. **Processo de adaptação da criança na educação infantil**. XVIII SEDU - Semana da Educação. I Congresso Internacional de Educação Contextos Educacionais: Formação, Linguagens e Desafios. Eixo 1: Educação e Infância, 2019. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2019/EIXO%201/25.%20%20PROCESSO%20DE%20ADAPTACAO%20DA%20CRIANCA%20NA%20EDUCAO%20INFANTIL%20art.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2022.

SILVA, Abadia de Lourdes Pereira da; PAIVA, Ana Carolina de; RODRIGUES, Patrícia Tomaz Mattão. **O processo de adaptação da criança ao ingressar na educação infantil**. Simpósio de TCC e Seminário de IC. *Anais do Simpósio ICESP*. 2016, p. 2107-2118. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/7549c43f9d20755d379b08caed80177.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

STRENZEL, Giandréa Reuss. **Tempo de chegada na creche:** conhecendo-se e fazendo-se conhecer. *Revista Zero a Seis*, Florianópolis, v. 4, n. 6, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/15584/14122>>. Acesso em: 18 set. 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ÀS PROFESSORAS

Primeira parte

Questões pessoais (formação e tempo de docência):

01. Qual a sua formação inicial? Onde cursou o ensino superior e o ano de conclusão?
02. Você tem algum curso de pós-graduação (especialização, mestrado) e/ou cursos livres na área?
03. Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil?
04. Atualmente atua na creche ou pré-escola (pública ou privada)? (Pedir para especificar o infantil)

Segunda parte

Questões específicas da pesquisa:

01. Você já acompanhou/conduziu algum processo de adaptação na educação infantil?
02. Você considera a atuação do docente importante no processo de adaptação da criança? Por quê?
03. Você considera a presença da família importante durante o processo de adaptação na educação infantil? Por quê?
04. Qual o papel da gestão da educação infantil ao longo desse período de adaptação da criança?
05. Quais as estratégias pedagógicas que você mais utiliza durante o processo de adaptação?
06. Quando ocorre esse processo de adaptação, geralmente vocês recebem todas as crianças no mesmo horário ou vocês procuram receber as crianças em diferentes horários? Como é que funciona?
07. Como você se sente durante esse período de adaptação da criança?
08. Quando os pais estão nesse momento de adaptação com a criança, geralmente eles ficam dentro da sala com vocês ou eles ficam em um espaço a parte do ambiente educacional?
09. O planejamento para o período de adaptação das crianças é determinante para o sucesso desse momento? Explique
10. Diga 3 aspectos que mais favorecem o processo de adaptação da criança.
11. Diga 3 aspectos que mais dificultam o processo de adaptação da criança.